



PRISCILLA
DEAN

ANNO IV
Nº 191

Para todos...

Já comprou um bilhete da Grande Loteria da Cruz Vermelha Brasileira?

E' A MAIOR
LOTERIA
DA
AMERICA



A MELHOR
E A
MAIS BARATA
DO MUNDO!

1 Premio de	5.000:000\$000
1 " "	1.000:000\$000
1 " "	500:000\$000
1 " "	200:000\$000
2 Premios "	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

30.000 BILHETES

9.550:000\$000 em premios!!

Bilhete inteiro 500\$000 - Meios 250\$000 - Quintos
100\$000 - Decimos 50\$000 - Vigésimos 25\$000
Centésimos 5\$000.

PARC ROYAL

Esta casa convida todos os seus clientes dos Estados a visitarem a Capital Federal por ocasião das proximas festas do Centenario.

Concorrendo d'esta fórma para o maior brilho d'essa grande festa civica, que vae ser a celebração da Independencia, todos auferirão com tal visita uma vasta série de conhecimentos de cousas absolutamente novas, cada qual mais suggestiva e empolgante, dignas de serem vistas e rememoradas ás gerações que nos succederem.

A affluencia de forasteiros será, por assim dizer, o *clou* da grande Exposição Universal.

Além d'essa maravilha haverá festas diversas, paradas, cerimoniaes civicas e muitas outras cousas de flagrante interesse para todos quantos desejem presenciar, com alma e coração, essa apothecose á PATRIA BRASILEIRA, após um seculo de sua independencia politica.

O PARC ROYAL sente-se feliz em concitar os seus amigos e clientes dos Estados para que não falem a esta festa magna de patriotismo brasileiro, ao mesmo tempo que lhes offerece os seus serviços com o mais interessado empenho em que os mesmos sejam aproveitados.

Terá o PARC ROYAL a maior satisfação em attender directamente a todos os seus freguezes do Interior, com os quaes tem tratado apenas por correspondencia, e que agora, certamente, virão dar-nos o grato prazer de suas ordens relativas a compras de infinitos artigos de novidades que temos em profusão e cuja aquisição, nesta visita festiva á Capital, é de todo o ponto aconselhavel.

De bom grado acolheremos todos os nossos amigos e proporcionaremos a todos as indicações e informes que nos sollicitarem, embora alheios ao nosso fim commercial.


Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

LARGO DE S. FRANCISCO — RIO DE JANEIRO

Para todos...

O Utero doente faz da mulher um cadaver vivo
Salve-se com a
"FLUXO-SEDATINA"



E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitues das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar á luz, facilita o parto, diminue as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflamações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, use a "Fluxo-sedatina" e doe ás vossas filhas e recommendae ás vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saúde da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico á mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos médicos e parteiros. E' de gosto agradável.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositaríios Geraes: **GALVÃO & C.**

Avenida S. João 145 -- São Paulo



Os mais
poderosos
ANTIFEBRIS
e os mais
faceis de tomar
são

NOVAMIDON
E
PYRAZOLINE
EM COMPRIMIDOS

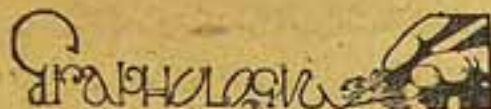
Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
São Bernardo (São Paulo)

Bom Dia!

V. S. nunca conhecerá o
prazer dum perfeito estomago,
senão quando finalmente se decidir a tomar as

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Estas scientificas pastilhas
tornarão saudavel o seu
estomago, ajudarão a sua
digestão, e darão um bom
appetite, melhor do que
V. S. nunca teve. Tome
as hoje.



RAINHA DO CIUME (S. Paulo) — Audácia, orgulho, idealismo — eis os traços principais do seu temperamento. O espírito é um pouco hirt, um tanto desconfiado e é nisso talvez que se funda... o seu pseudônimo. Ha outras mais ciumentas. Ao menos é tratável, é mesmo muito expansiva com pessoas intimas. Ha, porém, um vestigio de colera repentina, que interrompe aquelle curso amavel. Sua vontade não é muito firme, conquanto ambiçãoe muito. Nota-se ainda uma grande bondade cordial e um ou outro accesso de volupia.

ULYSETTA (Rio) — No seu feitiço moral — como diz — entram muito a presumpção e a confiança em si mesmo. E' um vaidoso e um forte. Mas a sua maior tenacidade é em negocios. Tem a bossa commercial muito desenvolvida. Todavia, o seu espirito está preparado para outra ordem de actividade. Gosta bastante de cousas intellectuaes — tem mesmo um certo preparo para isso. Falta-lhe talvez alguma força de vontade, nesse terreno. O seu espirito é recto e algo vibrante. O seu trato é amavel e o seu coração aberto á bondade.

ALLAN KARDEC (Maranhão) — O seu caracter é sizudo, menos quando trata de pôr em acção os seus instinctos sensuaes. Estes realmente são muito fortes e como que ás vezes avassalam todas as boas qualidades que o distinguem. Sua natureza propende sempre para o materialismo, salvo um ou outro momento, em que se mostra radicalmente opposta. Tem a vontade poderosa, mormente em casos de interesses materiaes. E' desconfiado e colérico, mas sabe dominar-se a tempo. Alguma bondade cordial e sobretudo a virtude caritativa.

ROUXINOL (S. Paulo) — Os traços principais do seu caracter são a firmeza de espirito e de vontade, o idealismo sonhador, caprichoso e a bondade cordial. Esta, porém, nem sempre se manifesta, e, ás vezes, é mesmo obscurecida pelas conveniências proprias. Também é notavel o traço dos instinctos sensuaes, conquanto sem permanencia. De resto, é incerto no trato — ora amavel, ora um tanto rispido. No coração, a mesma incerteza: umas vezes francamente aberto á bondade, outras indifferente e até adverso.

NETTO (Curitiba) — O traço que mais se destaca é o da vontade. Tem-na de primeira ordem, pertinax e ambiciosa, insinuante e diplomatica. Mas apesar disso não reprime ás vezes um movimento colérico. A orientação da sua vida é quasi sempre no terreno materialista, não obstante possuir um espirito muito vibrante e apaixonado. E' economico, bastante amigo do dinheiro, sem ser todavia um avaro. Predomina a discreção nos seus instinctos sensuaes, conquanto os tenha fortes. Bondade cordial para com todos, principalmente os humilhes.

RAINHA (Rio) — Vaidade e alguma audacia. Ambição mais de honras que de provellos. Perspicacia e alguma dissimulação. O espirito é um tanto arrebatado, e isso ás vezes lhe causa dissabores. Tem, é certo, muita grandeza d'alma para reagir contra elles, mas intimamente soffre muito, porque em cada contrariedade vê um castigo ao seu idealismo. Aguarda com ansiedade uma ligação, da qual depende a fixação do seu destino. Tem fé, mas não deixa de desconfiar um pouco. Seu coração é bondoso.

LYRIO (Bahia) — Natureza sonhadora, de um franco idealismo, é certo que de curto voo. Ao mesmo tempo mostra possuir instinctos fortes, voluptuosos, elvados de caprichos, difficeis de satisfazer... Sua apparencia, quer physica, quer moral, reveste-se de uma grande ingenuidade, tornando-se por isso muito attraente. Ai! dos que lhe não souberem resistir!... A vontade é firme, é tenaz, não obstante um ou outro colapso de timidez. Arido o coração, mórmente para as pesacas de seu sexo.

MAZINHA (S. Paulo) — E não diga brincando, bem pouco tem de boazinha... E' orgulhosa, cheia de amor proprio, nem sempre justificado. Tem audacia e tendencias açambarcadoras: gosta de que tudo o que é bom seja para si. O seu espirito é frio e gosta de estar em opposição, ás ve-

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ...

O prestigio conquistado, a golpes de real esforço patriótico, pela *Illustração Brasileira*, órgão official da Comissão Executiva da Commemoração do Centenario da Independencia, assegura o mais completo exito das suas edições



especiaes, grandemente augmentadas, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro.

Tanto é isto verdade que já são sem numero as encomendas feitas, no natural receio de que ellas se esgotem rapidamente.

zes a si mesma... Sua vontade é rapida e decidida. Tem alguma franqueza, mas predomina o traço egoista.

VIRGILIUS (Porto Alegre) — Por excepção informamos: Escreva o que quiser em papel liso. Assigne o nome legal e mande pseudonymo para resposta.

NUNES RENGANO (Pelotas) — Coincidem notavelmente os traços do orgulho, da audacia e da força de vontade com os de um extraordinario sensualismo, capaz de absorver todas as virtudes e todos os defeitos do seu temperamento. Este é extremamente expansivo, apesar da relativa frieza de espirito — o que tira ás expansões o grande valor da sinceridade. Possui um bello senso em questões de gosto, mas é sincero de mais e até impertinente no impôr as suas opiniões. Tem, contudo, um excellente coração, entrando nelle a parte mais vulneravel do seu ser, definido e masculino.

I. NASCIMENTO (Santa Maria) — Qualidades voluntariosas em grande escala, mas calculadamente dissimuladas, para melhor se fazerem valer... Ambição do dinheiro e grandes esforços para o obter de qualquer forma, com receio de uma velhice atormentada por falta de recursos. E quando não alcança exito, não esconde as suas fúrias. Entretanto, possui um coração bastante sensível ao amor e algo generoso.

SANTINHA (Cachoeiro do Itapemirim) — Apesar de ter escripto com uma certa preocupação — como confessa — percebe-se que tem uma natureza simples, sentimental e aberta a frequentes expansões. O seu idealismo, quasi sempre romantico, baixa ás vezes aos limites do lar domestico, ali se comprazendo em ternuras magnificas, que são o enlevo dos que a rodeiam. E' modesta em suas exterioridades, mas intimamente não esconde um orgulhinho, producto do apreço de que se sente alvo. Tem um coração extremoso, cheio de generosidade, especialmente para com os pequeninos.

VANITY (Rio) — Dois traços se evidenciam muito: o dos instinctos sensuaes e o do sonho. E' um voluptuoso e um fantasista. Ao mesmo tempo, não se descuida dos seus interesses materiaes e tudo quanto faz visa a idéa do lucro. O seu espirito é vibrante. Sente bem as influencias extremas e sabe exprimir as suas com calor. Gosta da critica. Sua vontade é um tanto accidentada, mas forte, quando parte de um ponto fixo, finalmente encontrado. Ha rectidão no seu caracter e alguma bondade cordial.

GIL D'ARMENIA (Rio) — Natureza incerta, cheia de apparentes contradicções, filhas de um espirito pouco ponderado. E' este o traço mais definido do seu temperamento. Dahi um mixto de traços bons e máos — aquelles accusando generosidade de coração, estes denunciando uma dissimulação constante, muitas vezes levada até á verdade. Também se percebe uma exagerada expansibilidade nervosa, sem raizes no coração. Predomina o estado indeciso, algo desordenado e evidentemente mantido pelo desassossego espirital.

DIANA (Inhaúma) — E' voluntariosa até á audacia, mas não tem base para levar por diante os seus desejos indomitos. Contenta-se com os impetos e nelles é mestra. Mas ao mesmo tempo também se deixa levar por quaesquer cantigas, mostrando-se de uma ingenuidade que lhe é prejudicial. Nisso haverá algum interesse material... pois é evidente o traço ambicioso. Ha também indícios de grande egoismo e de intensidade de instinctos sensuaes.

NORTINI (S. Paulo) — Grande pandego! Pelo menos é o que se deprehende do seu espirito nervoso, galbofiro, sempre disposto a pregar graças. E' teimoso e forte na vontade, mas, tendo um coração muito sensível, pode ceder ao argumento das lagrimas. Tem a mania do predomínio pela graça. A's vezes torna-se mesmo impertinente com esse feitiço, e só se não reage, em attenção á bondade cordial. São notaveis seus dotes artisticos, é certo que sem a virtude das realisações. E disse.

UTEROGENOL

Faça uso de 4 colheres ao dia deste remédio sem ter dista e ficará completamente curada de seus incommodos. Infalível nas irregularidades de todas as molestias secretas. Excelente contra anemia e palidez.

Para todos...

LA CAMORRA!

TANGO — AUGUSTO P. BERTO

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para bailes, chás, danças, etc. Rua Tavares Bastos, 6 — Tel. 233 Beira Mar 233

PIANO

pp cresc.

pp

f ff

1^a 2^a

3

3

Ilustração Brasileira --

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital; 2\$500, nos Estados.



D. C. 2º y D. C. 1º

LEITURA PARA TODOS



Magazine mensal ilustrado, achase a venda o 36º numero do corrente mes com um magnifico texto e artisticas gravuras. — Venda avulsa na Capital: 1\$500; nos Estados: 1\$700.



Questionário



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 104, Ourador — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e meses até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a atenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compilar catalogos para os satisfazerem. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre filmes, devem vir sempre que possível os títulos em inglês. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os filmes aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados.

MIMOSA SONHADORA (Rio) — 1,54; foi erro de composição. A 2ª, 1,60; a 3ª 28 annos, 1,62; não tem parentesco; não.

SONETO PERFIL (Bello Horizonte) — Muito desalinhavado, tenha paciência. Enviámos ao escriptorio a sua reclamação.

PAULISTA (S. Paulo) — 1ª, Não é exacto. Fabrica e por contrato a outra marca fica com as suas produções. 2ª, Ainda não percebemos isso senão nos annuncios. As superproduções têm sido um desastre aqui. 3ª, Mamã Benton, Mary Carr; Papae Benton, William Welsh; Isaac, Sheridan Tauscy e Noel Tearle; Thomas, Stephen Carr e John Dwyer; John, Jerry Devine e John Walker; Charles, James Sheldon e Wallace Ray; Rebecca, Rosemary Carr e Phyllis Diller; Susana, May Beth Carr e Louella Carr; Isabella Strong, Vivienne Osborne; Agulnia, Dorothy Allen; Lucy, Edna Murphy; 4ª, Todas as criticas das revistas norte-americanas são transcriptas no *Para Todos...*; 5ª, Como saber?

GALLO VELHO e 54 (Patos) — 1ª, Deixou o cinema; 2ª, Idem; 3ª, Está com a Robertson Cole. 1.600 Broadway, N. Y. C. 4ª, 19 W. 69 th. Str. N. Y. C. 5ª, Hotel Astor, N. Y. C.

ADMIRADORA DE MORENO (Rio Grande) — 1ª, E' 4417 Prospect Avenue Hollywood, Calif.; 2ª, E' o Hotel Ansonia N. Y. C.; 3ª Não nos recordamos; 4ª, 1600 Broadway, N. Y. C.; 6ª Não vendemos.

R. ALVES (Santos) — Trata-se de varios films velhos dos referidos artistas, feitos ha varios annos, de varias metragens e que, reduzidas agora a tres partes unicamente, estão sendo negociados. Nada mais.

JACARE' CALUMBO (Minas) — Casados; ha; Mary Pickford, Lila Lee, p. ex. Dê-me licença para não acreditar na resposta do Cecil, sim?

A NOVA RICA (Parahyba) — Ossi Oswald Berlin; Wilmsdorf, Konstanzerstrasse, 10.

LIBELLULA (S. Paulo) — Ora ve-

jam só como são as cousas. As saudades foram tantas que até já nos tínhamos esquecido do endereço!... Enfim, já agora não faremos confusão. Está tudo perdoado. Desmond está bom, fazendo séries para a Univerasl. Retribuidos com o mesmo fervor.

PARAMOUNT (Rio) — Em "Os tres mosqueteiros" D'Artagnan, Douglas Fairbanks; Athos, Léon Barry; Portos, George Seigman; Aramis, Eugen Pallette; Rochefort, Boyd Irvin; Richelieu, Nigel de Brullier; Buckingham, Thos. Holding; Treville, Willis Robards; Bonacieux, Sydney Franklin; Milady, Barbara La Marr; Constance Marguerite La Motte, Louis XIII, Adolphe Menjou; Anna

A VIDA NACIONAL

Resumir com a maior verdade a vida nacional, de 1822 aos nossos dias, será a obra ingente e patriótica da *Illustração Brasileira*, nos seus numeros speciaes, Commemorativos do Centenario da Indr



pendencia, a apparecerem nos mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas, cada um e 20 trichromias de quadros brasileiros.

d'Austria, Mary Mc. Laren; Planchet, Charles Stevens, etc., etc.; 2ª, Paramount, Uma porção delles; 3ª, Polo e uma porção de figurantes; 4ª, Uma porção delles e já lhes temos publicado os retratos varias vezes; 5ª, Ainda não ha um mez publicamos a lista; se não viu é porque não lê a revista; 6ª, Operador, mesmo.

LEITORA ASSIDUA (S. Paulo) — Só cinco de cada vez; 1ª, 10 th Ave., 55 th, to 56 th Str. N. Y. C. 2ª, 729 Seyenth Ave. N. Y. C. 3ª, Idem; 4ª, 485 Fifth Ave. N. Y. C. 5ª, 1600 Broadway N. Y. C. Venha pelos outros, depois.

F. BARRETO (Parahyba) — Não entendemos do assumpto, meu caro. Dirija-se a uma casa de negocio, que lhe po-

lizer o que deseja. Só respondemos por aqui.

GAETANO DOS SANTOS — (São Paulo) — Brevemente.

GASTÃO LOPES (Bahia) — Não temos catalogos para vender, nem negociamos em retratos. Quanto ao catalogo que deseja, existe à venda, mas nos Estados Unidos. E depois, porque não collecciona o que estamos publicando? E' o endereço da Paramount.

G. G. (Rio) — Já não falou de viva voz. Porque escrever?

ARACHI DA SILVA (Porto Alegre) — Já publicamos tudo quanto sabiamos a respeito, dando o endereço para maiores informes. Escreva para lá.

TITO DE BARROS JUNIOR (Pinda) — Natural de Chicago, 29 annos, divorciada. Trabalha para o theatro desde criança. No cinema trabalhou nos elencos das empresas: Vitagraph, World; formou depois companhia propria; fez varios films para a Equity. Tem 1,60 de altura e pesa 58 libras. Olhos e cabelos pretos. Divorciada.

M. P. R. (Rio) — E' italiano. Urgencia nem sempre é possível, flor. Outros chegaram primeiro.

MIMOSA RIOS (Alegrete) — Seguiu.

EVA LIMEIRO (Santos) — Universal City Calif (Universal); Realart, (485 Fifth Ave. N. Y. C.) Paramount (idem); Goldwyn (469 Fifth Ave. N. Y. C.) Da outra não vale a pena; é uma fabrica em plena decadencia e que breve fechará as portas.

CHICHARRÃO (Caçapava) — Solteira, 21 annos.

SRTA. FRANCEZINHA (Rio) — Brevemente.

MARIE NYDIA (S. Paulo), 1ª, 485 Fifth Ave. N. Y. C.; 2ª, Idem; 3ª, Thomas Ince Studios, Los Angeles, Calif. 4ª, Metropolitan Opera House, N. Y. C.; 5ª, Está de viagem para os Estados Unidos. Só cinco de cada vez.

BEBE DANIEL'S ADMIRER (Rio) — Não fez nenhum directamente, ainda. Os citados são allemães. Agora, porém, vae deveras, ao que dizem as ultimas noticias recebidas para os Estados Unidos. Falta de tempo.

ANGELITA (Paulicéa) — 1ª e 2ª, 485 Fifth Ave. N. Y. C.; 3ª, 1476 Broadway, N. Y. C.; 4ª, 729 Seventh Ave. N. Y. C.; 5ª, 10 th Ave. 55 to 56 th St. N. Y. C.

HARRY BLAKE (S. Paulo) — Escreva em fórma de communicado e não assim em carta, ponha um título, assigne e envie.

KAETANA DE KERNOEL (Porto Alegre) — Ambos são casados; os traços physionomicos deve tel-os visto nos retratos. Entre os 35 e 40 annos; não foi possível obter o retrato pedido. Tambem elle voltou para a Europa e sumiu-se. E' o que não foi grande perda...

LAERTE BELLOT (Rio) — Nós vendemos, não compramos.



@-filmes da semana



Não foi possível, pela primeira vez, registrarmos a programação inicial da semana, nos cinemas da Avenida. Que nos desculpem os leitores, si bem que o que anunciavam os cartazes, grande coisa não prometia. Assim escaparam-nos alguns filmes e o resto que vimos, salvando-se o de Katherine Macdonald, no Odeon, em *Amor*

de artista, tudo o mais rivalison com o conhecido e já muito explorado. O oeste primitivo, da Fox, no Pathé, por exemplo, é mais uma reprodução de cenas e ambientes que essa fabrica, mais do que qualquer outra, tem sabido esgotar através de seus filmes. E, para mostrar como esse resto da semana foi exactamente como já dissemos,

o Central exhibiu ainda uma das suas produções favoritas, arrancadas à feira do mais barato, *A dança do punhal* por Lydia Quaranta. E assim uns melhores, outros piores, foram todos os programas dos cinemas da Avenida, até parecendo que a censura entrou também pela dentão.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 3 A 6 DE AGOSTO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First Nacional	Odeon	Amor de artista (Curtain)	Katherine Macdonald	1920	... 7 ...
Paramount	Avenida	Cavadores do inferno (The Hell Diggers)	Wallace Reid	1921	... 6 ...
Fox	Pathé	O oeste primitivo (Western Speed)	Charles Jones e Eileen Percy	1922	... 6 ...
Ass. Prod.	Rialto	Devoção (Devotion)	Hazel Dawn, Violet Palmer e Renita Randolph	1921	... 6 ...
Realart - Mayflower	Parisiense	Caprichos do destino (The Law of the Yukon)	Jane Elvidge	1920	... 6 ...
(*)	Central	A dança do punhal	Lydia Quaranta	?	... 4 ...
Pan film	Palais	Venus	Magda Sonia	?	... 5 ...

(*) Não consta do programma.

AYPMILO (Rio) — Brevemente.

E. DE LYS (S. Lourenço) — Ah! por um conto e duzentos mais ou menos. 48000 o metro. Não sabemos. Ha de varios preços. Pode ser.

M. M. M. (Santa Maria) — O meu caro amigo é um *thebas* para descobrir gente desconhecida! Francine, 720 Riverside Drive, N. Y. As irmãs Fairbanks trabalham em "vaudeville" e, às vezes, no cine; a Irene, não conhecemos. Clea Lotto.

ROSA DE FUEGO (Jaguarão) — Johannes Riemann; escreva para Berlin W. 30, Sperrystrasse, 7. Mia May, Berlin Halensee, Kurfurstendamm, 70. Pode fazel-o, mas não é costume dos europeus, mandar retratos.

ALFINETE (Itaperuna) — Em geral estes films seriados têm uma ou duas figuras, no maximo, de certo valor. Todos os mais são meros figurantes. E' americano, Pearl Grant, 42 annos.

JOSEPH BACKER (Rio) — 823 Seventh Ave. N. Y. C.

C. PINTO (Lapa) — Um doze.

APACHE (Rio) — Não sabemos onde para actualmente. E' verdade. Uma menina deste tamanho. Que quer? O nosso mercado é tão mesquinho!

BIBE' (S. Paulo) — 1º. Que concurso? 2º. Breve alguns; 3º. Pola, em viagem para os Estados Unidos. Mia Berlin-Halensee, Kurfurstendamm, 70; 4º. Em geral mandam; 5º. Nem sempre; 6º. Póde ser.

A. BOUQUET (Rio Claro) — 10 th. Ave. 35 th. to 36 th. Str. N. Y. C. E' bom mandar o seu romance. Deve ser um successo.

NEY DE CARVALHO (Rio) — Pois sim.

T. SARAIVA (Manãos) — Meu caro, temos duzias e duzias de retratos dessa estrella.

B. S. AMARANTE (São Paulo) — E' miss Du Pont hoje em dia. E' que ha centenas a responder.

SIMPLICIO ESCORCIO (Bahia) — Só em Nova York. Custam em média 35, por exemplar e dão 52 maneros por anno. A assignatura nessa proporção. Aliás, não li'as aconselhamos. São exclusivamente commerciaes. Só respondemos por aqui.

LUIZ BOLLOCK (S. Gabriel) Doris. 1.600 Broadway, N. Y. C., 2º. Universal City, Calif; 3º. Idem; 4º. 2021; Beachwood Drive, Los Angeles, Calif. 5º. Não sabemos actualmente onde está.

ERNEST O'CONNOR (S. Lourenço) — 1º. E' a mesma; 2º. E' esse mesmo. Out'ora Sonia Markowa; 3º. Nasceu em Chicago, 1807; 4º. Varios, entre elles "Os Miseraveis" fazendo o papel de Fantine 5º. 630 W. 135 th Str. N. Y. C.

FILHA DA TERRA DOS PINHEI-RAES (Deodoro) — Não tem parentesco. Trabalha. 559 W. 164 th Str. N. Y. C. Não fez mais nada. Deu em droga.

Em "The long chance" da Universal, apparece Henry B. Walthall ao lado de Ralph Graves.

"The impossible Mrs. Bellow", novo film da Paramount, reune Gloria Swanson, Conrad Nagel, Robert Cain, June Elvidge, Helen Dunbar, Clarence Buntan, Mickey e Pat Moore.

James Kirkwood e Lila Lee, George Fa-woett, Raymond Hatton, Jacqueline Logan e Noah Beery apparecem juntos no film "Ebb Tide", adaptação cinematographica da novella do mesmo nome, de Robert Louis Stevenson.

Pola Negri partiu para os Estados Unidos, onde vai posar um grande film para

a Paramount. O enredo desse film é de um dramaturgo inglez, que deseja guardar o incognito por enquanto, e foi escripto especialmente para a dita artista. O trabalho será feito nos studios da Paramount, em Long Island, N. Y.

Jesse Lasky, que acaba de regressar da Europa e foi quem contratou os serviços da artista polaca, disse: "que era ella a primeira das artistas europeas, da serie que iria aos Estados Unidos engrossar o elenco da Paramount, a partir". "As outras, francezas, hespanholas, inglezas, iriam depois, successivamente."

No studio de Long Island trabalham actualmente Alice Brady, Jack Holt, Thomas Meigham, Elsie Ferguson, cada um em film differente. Os outros artistas trabalham nos studios da California.

CONSTANCE BINNEY está filmando "A bill of divorcement" para a Ideal Film Co. de Londres; figuram em sua companhia varios artistas inglezes: Fay Compton, Malcolm Keen, Henry Vibert, Henry Victor, Dora Gregory, etc.

HELEN JEROME EDDY está actualmente trabalhando para a Robertson Cole, empresa para a qual fará seis films.

VIRGINIA PEARSON, ha tanto arredia do cinema, acaba de firmar contrato com a Graphic Film Corp., para apparecer no film "The Wild Youth". Mary Anderson, Harry Morey, Julia S. Gordon, Thurston Hall, são os seus companheiros.

"Missing millions" será o primeiro film de Alice Brady, feito directamente para a Paramount.

"POLLAH"

Creme Scientifico da American Beauty Academy 1745,
Melville Av. N. Y. City — U. S. A.

Não existe mulher bonita que não sinta o orgulho ferido quando as amigas deixam de voltar-se para vel-a passar. POLLAH conservará a belleza do seu rosto, muito além da primeira juventude.

DE UMA CARTA

"De conformidade com as suas instruções, comecei a usar o CREME POLLAH, tomando o cuidado de applical-o de accordo com os movimentos indicados no livro "A Arte da Belleza". Depois de alguns dias de tratamento, melhorei consideravelmente e com excepção de 4 ou 5 cravos inflammados, minha pelle está em optimas condições. Como quero conserval-a assim, continuarei usando o POLLAH, que ao mesmo tempo é o mais agradável creme de toilette para ajudar a adherencia do pó de arroz e dar a bella cor branca tão desejada. — De V. S. att. gra. — JULIA SANTOS DOS REIS."

FARINHA «POLLAH»

(AMENDOAS)

PARA A HYGIENE DA CUTIS -- SEM EGUAL PARA O ROSTO
ASPEREZA E ENRUGADO

"Sempre usei bons sabonetes, mas nunca a minha cutis do rosto foi lisa. Pensei que a asperiza e enrugado que nella se notavam fossem defeitos incorrigiveis; entretanto, enganei-me. Abandonando os sabonetes e preparados que usava, passei a lavar o rosto unicamente com a "FARINHA POLLAH" e a applicar o "CREME POLLAH", com os movimentos indicados na bulla. Orgulho-me agora de possuir uma cutis linda, que todas as minhas amigas admiram. Como gratidão, autorizo a fazerem o uso que entenderem d'estas minhas palavras.

Ri, 25-7-920.

AMELIA DIAS LEITE."

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que succede aos tecidos de lã, que ao contrario da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete.

O sabonete, antigamente, era pouco usado e ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão.

A FARINHA "POLLAH" é inegualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes.

O uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos se faz da FARINHA "POLLAH" prova a excellencia da mesma.

Na Casa Crashley & C. — Ouvidor, 58 — e nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratis o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo :

CREME POLLAH (pote)	12\$000
FARINHA POLLAH	6\$000

(PARA TODOS...)—Corte este "coupon" e remetta aos Srs. Representantes da American Beauty Academy — Rua 1ª de Março, 151, sob. — Rio de Janeiro.

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

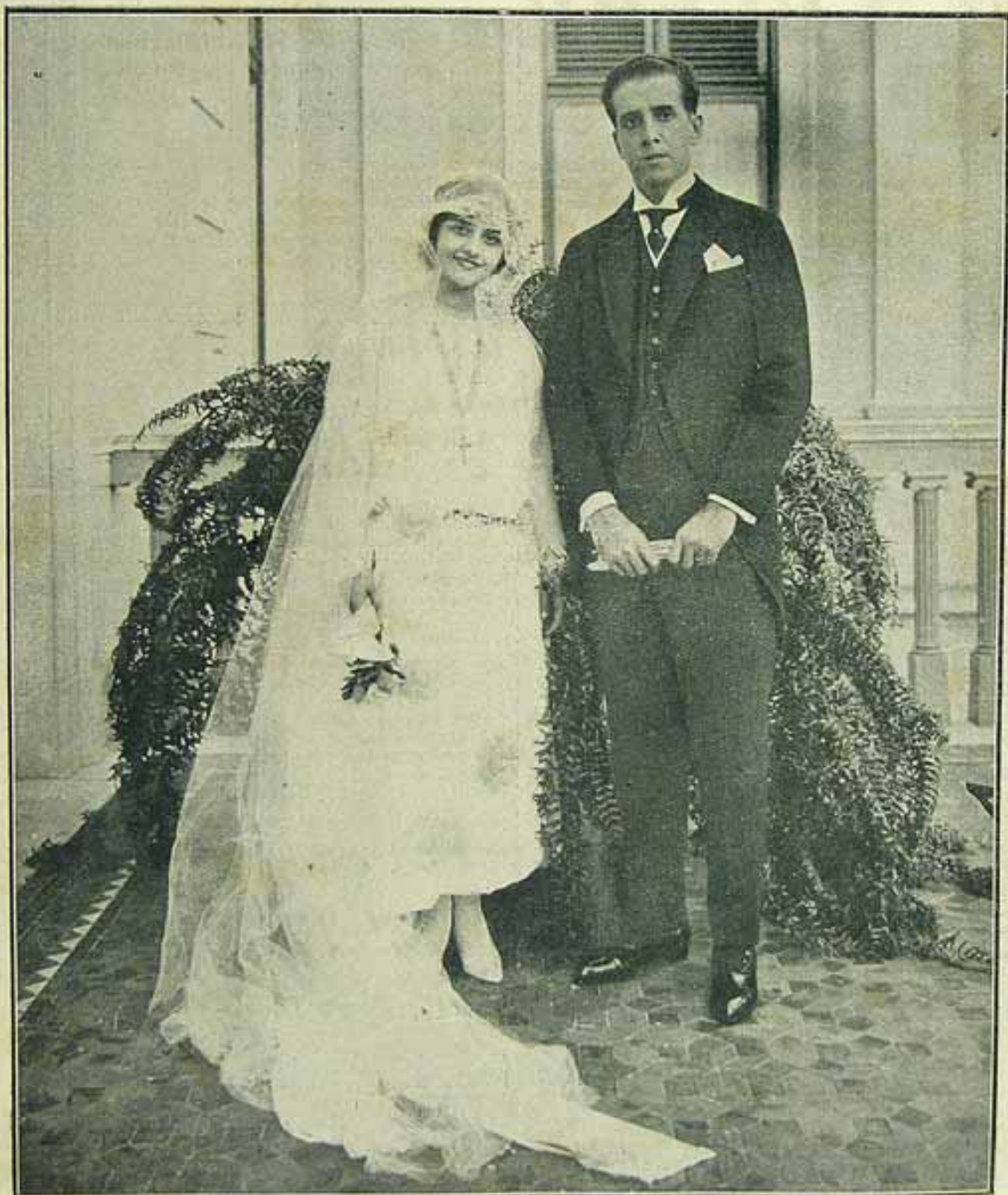
Para todos...

ANNO IV



NUM. 191

RIO DE JANEIRO, 12 DE AGOSTO DE 1922



ENLACE SAYÃO PESSOA — RAJA GABAGLIA

A NOIVA, SENHORINHA LAURITA SAYÃO PESSOA, FILHA DO EXMO. SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA. O NOI-
VO, SR. DR. EDUARDO DE BARROS RAJA GABAGLIA, ENGENHEIRO CIVIL.



ENLACE SAYÃO PESSOA — RAJA GABAGLIA

NO SALÃO NOBRE DO PALACIO DO CATTETE — EM CIMA: OS NOIVOS E A CORTE NUPCIAL. EM BAIXO: O JOVEN PAR ENTRE OS EXMOS. PAES DA NOIVA, SR. DR. EPITACIO PESSOA, PRESIDENTE DA REPUBLICA, E D. MARY SAYÃO PESSOA.

UMA LENDA

DE

RAUL DE AZEVEDO

...E o velho grego, de longos cabelos brancos, tirando grandes fumaças do cachimbo de marfim, falou para todos nós, — numa voz já tremula, de homem de antanho.

— ...E' uma lenda esta, meus amigos queridos, que vem de tempos remotos. Quando nasci, — ha quanto anno, meu Deus! — minha velha mãe dizia um conto antigo, que soubera em terras da Grecia. Lá, na bella e legendaria Patria, os filhos ouviam das mães, sempre, sempre, a historia emocional da dama grega...

Todos nós, attentos, olhávamos o estrangeiro. Elle nos dizia, na sua voz lenta, continuamente, magnificas e tocantes lendas do seu paiz natal, contadas macia e dolentemente. A's vezes, nos seus olhos azues boiavam lagrimas ao relembrar a sua mãe querida e a sua Patria adorada, cheio de saudade infinda e amarga... A sua linguagem, essa era simple e tocante, colorida às vezes. E quando falava, todos nós, commovidos e attentos, olhávamos aquelle homem varonil, de longas barbas brancas e olhos azues como contos.

O velho, bamboando as pernas, continuou:

— Contam que uma dama grega, meus queridos filhos, rica e bella, e vaidosa, e orgulhosa, duma grande elegancia, e extraordinaria pompa, adorada por todos, e desejada por muitos, um dia, em seu vasto e deslumbrante palacio, recebeu a visita duma companheira de infancia, que trouxera tambem a sua familia. A outra dama, graciosa e pobre, sem luxo e sem grandezas, ouvira, calma e risosha, a palestra daquella que desbaratava a vida em prazeres e festas... E ella, satisfeito o orgulho, resolvida então, agitada, os cofres de laca embutidos com marfim e esmalte, mostrando joias faiscantes, — ricos diademas, anéis de esmeraldas e turquezas, alfinetes de brilhantes, pulseiras de rubis e opalas, braceletes de ametistas, collares de perolas brancas e rosas, tudo de alta valia, faiscante a pedraria custosa. Queria, a infeliz da moça, despertar a inveja na companheira e amiga de outr'ora, e ser admirada em extase. E, faceira, ao enrolar no braço roliço uma joia luzente, interrogou:

— Esta é Linda, não é?

— Linda.

— E esta outra?

— Tambem formosa.

— E esta?

E mais uma, e mais outra, foi perguntando.

Depois, má, cruel, demorando a voz, se dirigiu á amiga:

— Agora, has de tambem me deixar ver as tuas joias...

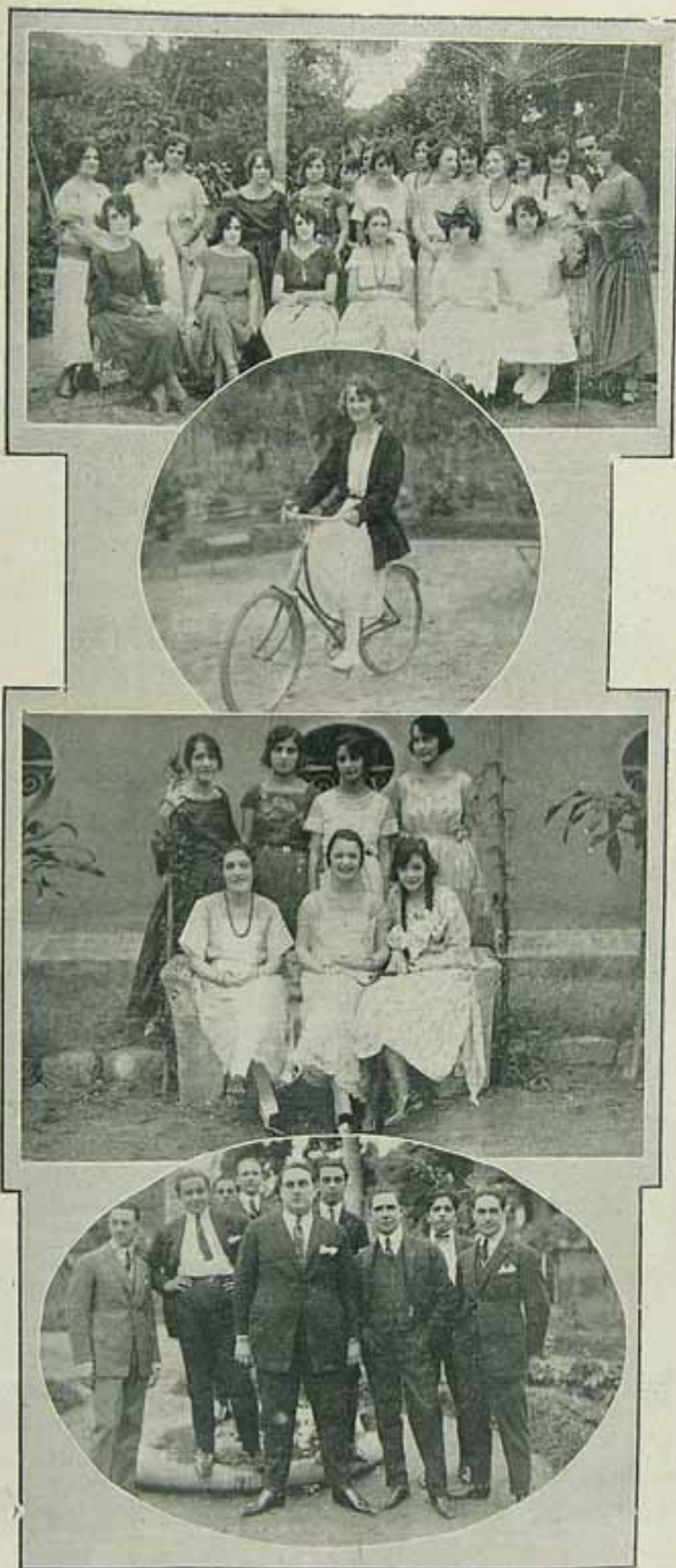
Ahi o velho grego parou, como crescendo às nossas vistas. O seu olhar brilhava, moço, como num deslumbramento. E já erguido nos contemplava, sem despregar os labios...

Um dos nossos companheiros, — com a irreverencia dos vinte annos, — impaciente, perguntou:

— ...E ella?

— ...E ella, meus amigos, — falou enfim o velho grego, — foi buscar os seus dois filhinhos, lindos como os dias de Primavera, risosha como as flores quando desabotoam, e disse, apontando-os, modesta, baixando os olhos simples e puros:

— Aqui tens as minhas joias!



"PIC-NIC", DOMINGO, NA ILHA DE PAQUETA, ORGANISADO POR SENHORINHAS DA SOCIEDADE DE CARIOCA.

ANTONIO FERRO

D EPOIS de umas semanas de intimidade com a terra carioca, parti para São Paulo o escriptor Antonio Ferro, director da *Illustração Portuguesa* e uma das mais bellas expressões da moderna litteratura da sua patria. Antonio Ferro não se demorará muito. E é esta uma noticia que alegra os amigos ficados aqui, mulheres e homens, todas as creaturas intelligentes da cidade de São Sebastião... Que elle não se foi inteiramente. Na lembrança das conferencias que fez, nos livros que trouxe, deixou o espirito fino, de tão perturbadora elegancia, encantando ainda, deliciando sempre.

Basta abrir, por acaso; ir a folhear sem rythmo, a *Letriana*, *Gabriel D'Annunzio* e *Eu, Collette*, a *Theoria da Indifferença*...

Eis aqui a *Theoria da Indifferença*, algumas paginas (por que são paginas):

— Ponho, ás vezes, um traje bizarro: visto-me com o teu corpo, faço dos teus braços uma gravata de seda.

— A minha arte futil, irregular, é uma serie de lapides. A Vida é um jornal de caricaturas a que eu vou pondo as legendas.

— Tenho bailes russos na alma. A minha intelligencia é uma Pavlova desengonçada...

— Quando ergo as mãos ao alto, sinto que Deus se equilibra nas pontas dos meus dedos...

— Wagner, para as mulheres, é um marido athleta que ellas amam com receio que elle lhes bata...

— Todo homem é uma criança; todá mulher, uma boneca. De modo que, toda a vida, o homem brinca com bonecas...

— Uma grande alma é um verdadeiro mendo. Leva-se a Vida inteira a percorrel-a... e não se chega ao fim...

MELHOR QUE DISCURSO...

N ão se escreve a historia de um povo, cheio de tradição e notavel pela sua conducta moral, em arremessos de impulso patriotico exhibicionista. No silencio dos gabinetes e nas officinas de trabalho produz-se, em geral, muito mais do que com palavras infladas e inflamadas e discursos violentos e demagogicos. A *Illustração Brasileira* nos seus quatro grandes numeros commemorativos do Centenario da Independencia a sahirem em 7 de Setembro, 12 de Outubro, 15 de Novembro e 25 de Dezembro, com 264 paginas cada um, finas gravuras e 20 trichromias, procuram escrever e sintetisar do Brasil o que elle tem de melhor e mais digno.

ENLACE

O grande acontecimento social da semana foi o enlace Laurita Pessoa-Edgard Raja Gabaglia.

No casamento civil foram testemunhas da noiva a Sra. Raja Gabaglia e o Sr. deputado Dr. Joaquim Moreira e do noivo o Sr. deputado commandante Armando Burlamaqui e a Sra. Armando Burlamaqui.

No casamento religioso foram padrinhos da noiva, a Sra. Pacheco Leão e o Sr. almirante Raja Gabaglia e do noivo S. Ex. o Sr. Dr. Epitacio Pessoa e a Exma. Sra. D. Mary Sayão Pessoa.



ANTONIO FERRO LENDO UMA DAS SUAS CONFERENCIAS, TÃO NOVAS, TÃO ORIGINAES, TÃO DIFERENTES.



RITINHA E LICINHA EVANGELISTA DA SILVA



ENLACE HILDA WERNECK DE CASTRO—FRANCISCO DE MEIRELLES E VASCONCELLOS.

Durante o ceremonial religioso, uma orquestra, postada no Salão Azul, sob a direcção do maestro Ricardo Galli, executou o seguinte programma:

Wagner, "Marcha Nupcial" da opera "Lohengrin"; R. Galli, "Preludio Mistico"; F. Braga, "Ave Maria", "Solo de Soprano", Sra. Lydia Salgado; Mauri, "Ego sum panis", solo de contralto, Sra. Leontina Knooso-Vittadini, "Venite ad me omnes", solo de melo soprano, Sra. Dolores Belchior Rezende; Faure, "O cor amoris", duetto para soprano e contralto, Sra. Lydia Salgado e Sra. Leontina Knooso.

O acto civil, que foi presidido pelo juiz da 4ª Pretoria Civil, Sr. Dr. Martinho Garcez Caldas Barreto, servindo de escrivão o official do Registro Civil Sr. Dr. Solfiere de Albuquerque, realizou-se ás 11 horas da manhã, no Salão Amarelo, do Palacio do Cattete.

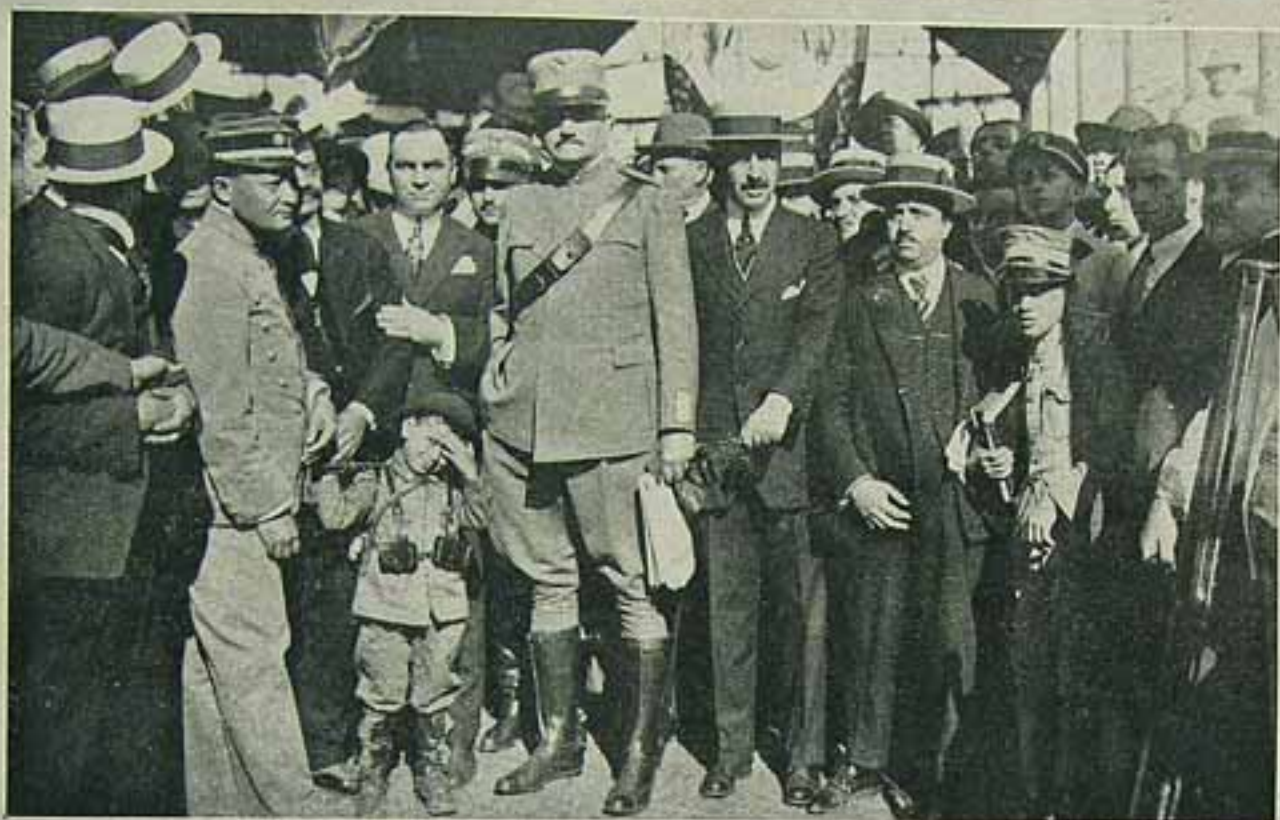
A cerimonia religiosa celebrou-se no Salão de Honra, onde foi armada a capella sob a invocação de Nossa Senhora de Lourdes; constou de missa, com benção nupcial concedida especialmente por Sua Santidade o Papa Pio XI. Officiou o reverendissimo monsenhor Gonçalves de Rezende.

A TETRALOGIA, DE WAGNER

ESTE anno, na temporada lyrica, vamos ouvir, *O ouro do Rheno*, *A Walkyria*, *Siegfried* e *O Crepusculo dos Deuses*, — que formam o *Anel dos Niebelungs*, que é, com o *Parcial*, uma das obras primas da humanidade.

Já se foi o tempo em que a musica de Wagner era difficil... Hoje, ouvida depois das ultimas produções mais ou menos futuristas, ella surge, nitida, patente... Mas, o mestre de Bayreuth, além de compositor, foi poeta. Não escreveu librettos. Escreveu poemas. E poemas, talvez pouco accessiveis. Aos espectadores do Municipal, que ainda não conheçam a tetralogia, Renato Alvim prestou agora um immenso serviço. Em elegante volume, editado pelo Sr. N. Viggiani, o illustre escriptor theatral, jornalista dos mais finos que possuímos, acaba de publicar a analyse dos poemas e a analyse musical dos quatro dramas estupendos. O livro é feito com as palavras mais claras e com uma simplicidade capaz de revelar a belleza ás creaturas menos capazes de entendel-a...

PARA comprehender a Arte, como expressão de delicadeza, bastará tomar um corpo e mostral-o á plena luz. Os raios incidem, illuminam-no e recortam a sua configuração. E' só! Mergulhemol-o, de seguida, na penumbra, nas transições enigmaticas do claro-escuro: as tintas se degradam na sombra; as luzes, que se allucinam nesse ambiente, espiritalisam-se; os recortes somem-se, agonisam; embebem-se no mysterio da sombra os contornos que ficam imprecisos, vagos, indefinidos. Multiplicam-se os effeitos. As apparencias germinam. E a perspectiva aerea abre um ambiente saturado de suggestões. Daquelle corpo nascem mil corpos; daquella vida, vidas numerosas; e das formas objectivas floresce o tumulto das subjectivas. O colorido é musica luminosa. São as luzes aspirações ideaes das Imagens. E' uma transfiguração.



CHEGADA DO ILUSTRE CABO DE GUERRA ITALIANO, GENERAL CAVIGLIA, QUE VEIU DE SÃO PAULO, ONDE FOI RECEBIDO COM O MESMO ENTHUSIASMO DA CAPITAL BRASILEIRA, EVIDENCIA DO CARINHO DO NOSSO PAIZ PELA GRANDE PATRIA DE GARIBALDI.



FOOTBALL EM SÃO PAULO — COMBINADOS "PAULISTAS" E "GAUCHOS" QUE JOGARAM COM ESTE RESULTADO PAULISTAS 4, GAUCHOS 2 — UM INSTANTANEO DA PARTIDA E OUTRO DA ASSISTENCIA.

Para todos...

CINEMA PARA TODOS...

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACOR-CHIEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO, 12 DE AGOSTO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

PRESCILLA DEAN é a principal figura do elenco da Universal, actualmente.

Seus ultimos trabalhos a tem feito avançar muito na popularidade. Um dos seus defeitos, é gostar muito de fazer caretas. Entretanto, essas graciosas momicas são justamente um dos seus encantos para o publico.

E vão lá negar-lhe razão!...

No proximo numero — CHARLIE CHAPLIN (Carlito).

Chronica

O CINEMA E O CENTENARIO

Houve, mezes passados, quem se lembrasse de fazer alguns films para o centenario, passando para o cinema alguns dos episodios de nossa historia patria.

Parece mesmo que algum entendimento chegou a ser iniciado com o governo sobre o assumpto. Não nos queremos referir ao plano do Sr. Mocchi de nos impingir uma historia do Brasil em rolos, feita na Italia, naturalmente com a Bertini no papel de Marilia, a Pina Menichelli no de Madre Angelica e Italia Manzini no de D. Domitilla do Canto e Castro, Amleto Novelli no de Tiradentes, Febo Mari no de Pedro I e Maciste no de José Bonifacio e cuja exhibição começaria em Setembro e acabaria... no segundo centenario, naturalmente.

Falamos de tentativas mais modestas, naufragadas ante a escassez de tempo e de recursos.

Quer isso dizer que em materia de cinema nós teremos durante os festejos, de nos contentar com os assós glosados films naturaes, onde mostraremos a nós mesmos a nossa eternamente decantada natureza.

Contribuição estrangeira, virão os films officiaes nort-americanos que nos dirão do formidavel progresso dos nossos irmãos do outro hemispherio.

Consta aos productores francezes que a contribuição cinematographica allemã vai ser formidavel e por isso mesmo já elles se agitam, falando até em alugar ou subvencionar alguns dos nossos principaes cinemas para que durante as festas passem a exhibir films francezes, senão na totalidade, quando menos na maioria dos programmas.

E enquanto isso, todos os esforços da industria nacional vão se baldando ante a indiferença e o menosprezo dos nossos dirigentes, que não comprehendem ainda que o film é o mais formidavel instrumento de propaganda até hoje existente, que fecham os olhos á evidencia de que o povo que não possui essa industria, é um povo destinado a permanecer ignorado.

Basta olhar para os Estados Unidos. Ha dez annos, apenas, se suspeitava a sua grandeza em todo o mundo. Hoje, tudo quanto é americano é familiar a todos os povos do Uni-

verso, através do film exclusivamente, por meio de lições, com o auxilio dessas imagens animadas, que entram pelos olhos sem necessidade de esforço, antes nas horas consagradas ao repouso e á diversão.

Suas riquezas, o apparelhamento formidavel de suas industrias, seus processos agricolas, suas grandes cidades, os aspectos de sua vida em seus minimos detalhes, mesmo os seus defeitos (para nós, e outros povos) tudo, tudo o film expoz aos olhos curiosos de toda a gente dos quatro cantos do Universo, não havendo logarejo obscuro de nossos sertões, que deixe de conhecer ao menos alguns dos artistas que contribuem para o successo dessa produção cinematographica.

Se com tempo se houvesse cuidado carinhosamente do assumpto, nós teriamos hoje talvez, pois melhor occasião não se poderia offerecer, apparelhado o Brasil com essa industria.

Passou o momento opportuno.

Esperemos que caia outro do céu, por descuido.

OPERADOR.

EDNA PURVIANCE, a companheira de Carlito, vai fazer agora films como "estrella". Sua belleza, seus dotes artisticos, fazem prever que triumphará. Quando começou a trabalhar em films, nenhuma experiencia tinha. Tem 27 annos, é loura, de olhos azues. "O Garoto" revelou mais do que qualquer outro trabalho cinematographico as possibilidades artisticas de Edna Purviance. Como Jackie Coogan, ella aproveitou a companhia do genial comico e adoptou varios dos seus processos artisticos.

GLORIA JOY, uma estrelinha de onze annos, que tem figurado em varios films, passados por nossas telas, vai fazer uma série de doze films de duas partes, para a Robertson Cole.

Loves crucible (A prova do fogo) é um film sueco, de Victor Seostrom, que fez grande successo nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo pela critica ing'eza unanimemente louvado. O argumento é de Hjalmar Bergman, baseado em uma lenda da Renascença. Junny Hesselquist, é a heroína desse film e a sua interpretação é considerada genial. Em outro lugar desta revista publicamos hoje o seu entrecho.

Trouble, o novo film de Jackie Coogan, foi estudado no mesmo dia em quarenta das principaes cidades nort-americanas. Oliver Twist já está terminado tambem pelo genial actorzinho. Nesse film figura ao lado de Jackie, Lon Chaney, Gladys Brockwell, James Marcus, Goerge Seigmann, Edouard Trebaol, Carl Stockdale, Lionel Belmore, Lewis Sargent, etc.

"At the Grange", é o titulo provisório do novo film da Griffith, em que figurarão Carol Dempster, Porter Strong, Henry Hull, C. H. Croker-King, Morgan Wallace, Margaret Dale, Zema Harvinson, etc.

No film "On the high Seas", Dorothy Dalton figurará ao lado de Jack Holt e Mitchell Lewis.

Clara Kimball está actualmente filmando para a Metro: "As mãos de Nara", sendo seu galã Elliot Dexter.

Amor cruciado "The Love Crucible" ou "Der Verurteilt?"



O juízo

de Deus.

Produção da Svenska Film — (Suecia)
1921.

DISTRIBUIÇÃO

Ursula	Jenny Hasselqvist
Antão, o escultor	Ivan Hedqvist
O Prefeito	Tore Sventorg
Beltrão, seu filho	Gosta Ekman
O abade	Knut Lindroth
Um frade	Waldemar Whols- trom.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Mr. Victor Sjostrom, pondo em scena *L'epreuve du Feu*, segundo a obra de M. H. Bergman, mais uma vez demonstrou que para o grande artista que elle é, a adoração pittoresca, a documentação minuciosa, o rythmo das imagens, a sciencia das attitúdes em nada prejudicam o vigor dramático de sua acção sempre vivaz...

E' verdadeiramente impossivel traduzir com os termos habituaes a emoção que nos causa esse film; toda a apreciação de de-

talhe sobre a photo, bellezas do interior, illuminação desapparecem no sentimento geral de impressionadora verdade, que a essa obra emprestam artistas como Janny Hasselqvist, Yvan Hedqvist, Gosta Ekman, etc. A belleza dos vestuários copiados dos



Ante os juizes.

quadros dos mestres florentinos da Renascença, contribue para o successo...

La Cinematographia Francesa.

Esta é uma lenda de outras éras, dos tempos em que a superstição reinava suprema, em que o Amor não conhecia pelas, uma lenda do tempo dos gloriosos cavaleiros, promptos aos mais nobres sacrificios, das éras de amor e de odio, avassalladores e fortes por igual.

E' a historia de Ursula, compromettida a effectuar um casamento odioso com o velho escultor Antão, se bem tivesse dado o seu coração a Beltrão, o filho do Prefeito, que tinha o artista por seu melhor amigo. E Ursula rezava a Deus para que ligasse o seu coração a Antão ou a libertasse pela morte. E forte, na certeza de que a sua oração seria ouvida, Ursula desposou o escultor, que era um idolo do povo. Breve veio, porém, a comprehender que Antão não dava fé ás velhas historias de amor, e assim, enquanto elle passava no goso do vinho e das canções licenciosas o melhor das suas horas, ella se enchia de deleite, no convívio daquelle a quem havia dado espontaneamente o coração.

Um dia a casa de Ursula foi visitada

por um frade vendilhão, que tinha para vender especificos e poções as mais milagrosas. Entre elles tambem figuravam alguns venenos fulminantes, bons para fazer esquecer a maldade dos entes e do mundo. Grande foi a tentação de Ursula e grande tambem o seu medo; mas, maior ainda era o seu amor por Beltrão, o odio que votava ao artista. Com o coração em sobressaltos e as mãos trementes, numa velha arca, buscou Ursula um certo anel com uma cavidade secreta, e ao frade deu ordem para que o enchesse de veneno.

Mas, nessa noite, na taverna, o frade contou como tivera que lançar o veneno no anel antigo, a mandado de Ursula, como a vira e ouvira em amoroso enleio com o seu amante. A noticia chegou primeiro aos ouvidos do Prefeito e logo depois aos de Antão. O lar do artista tornou-se então refugio para o amor culposos e para a Morte.

Ursula, porque ignorasse o que fôra contar o vendilhão, escondeu o seu amante e prohibiu ao escultor que entrasse em



Implorando a protecção do Eterno.



Os amantes.



A porta da Cathedral.

seus aposentos. Para a pôr á prova, ordenou-lhe Antão que lhe desse um pouco de vinho para beber, e ante esta ordem uma grande esperança e um grande medo avasaram, juntos, o coração de Ursula. Despejou o vinho na taça e delle provou como era seu costume. Escovou-se um instante, e o anel secreto abriu-se sobre a taça...

Antão fez-se livido de morte ante o gesto de Ursula, e quando ella voltou os olhos acreditou que o céu tivesse escutado as suas supplicas, porque Antão estava morto. Mais tarde, quando o Prefeito e os populares viram Ursula nos braços defensores de Beltrão, foi voz geral que ella dera a morte ao seu consorte.

Um dos aldeões encontrou depois a ta-



As preces.

ça com o veneno, e quando Ursula affirmou a sua innocencia, e jurou que Antão della não bebera, puzeram-lhe a taça nas mãos e mandaram-lhe beber o liquido. Mas Beltrão, que a julgava culpada, arrancou-lhe a taça das mãos e a atirou ao fogo. Debalde, porém, assim a tentava salvar.

Tão pouco acreditára a ralé na affirmativa feita pelo frade, de que o pó que elle guardára no anel não continha veneno. Em todas estas cousas, o que os populares viam eram signaes do céu, e assim exigiam que a dama Ursula fosse submittida ao



Para o julgamento.

ordalio que representava o julgamento de Deus. Grande era a colera da multidão contra a mulher que os privara de Antão, o idolo do povo, e Beltrão teve que arrancar da sua espada para a proteger da fanática paixão dos populares.

Assim, Ursula foi entregue á igreja e logo se assentou submittel-a á prova do fogo. Fiel sempre ao seu grande amor, Beltrão se offereceu, porém, para substituí-la. Immediatamente acudiram os galés, as mulheres, os escravos, conduzindo os madeiros, as ramas seccas, com que havia de ser armada a pyra punidora.



A prova do fogo.

No dia marcado uma immensa multidão invadiu a praça, e ao calir da noite tão altas subiam as chammas, que os rostos dos espectadores appareciam nitidos, como se os banhasse o clarão do proprio sol.

Conta a lenda de que modo Ursula descobriu que Antão lhe surprehendera pelo espelho o gesto fatal. Certa assim de que a culpa era sua e de que Beltrão certamente morreria, Ursula apresentou-se aos seus juizes, supplicando para si o castigo do fogo, que lhe revelaria o seu crime ou a sua innocencia aos olhos de Deus.

Mas a lenda conclue dizendo que, pelo poder da sua fé e das suas orações, Ursula conseguiu atravessar incolume a alta parede de fogo, e assim alcançar, por fim, perdão, vida, esperança e amor!



A condemnada.

A CENSURA

A censura na Belgica custou em 1921 177 mil francos. Examinou 9,62 argumentos ou films, condemnando mais ou menos um quinto como improprios a menores de 16 annos.

♦ ♦ ♦

A renda dos espectaculos cinematographicos em Paris, em 1921, attingiu a 75.689.667 francos (45.413.800\$500 mais ou menos). Entre os salões de maior renda figuram: Gaumont Palace 3.666.000 francos; Marivaux 2.456.000; Lucieia 1.904.000; Nouveautés 1.703.000; Tivoli 1.666.000; Pa'ais des Fêtes 1.625.000 e Madeleine 1.525.000.

O total da renda de todos os espectaculos (theatros, cinemas, café-concerto, music-hall, etc) attingiu 250.877.365 francos e o imposto (direito dos pobres) de

beneficencia percolido sobre essa renda, além das demais, 27.828.000 francos.

♦ ♦ ♦

Em Paris, M. Leon Gaumont fez uma demonstração publica do seu film falante, que produziu profunda impressão no auditorio, parecendo por esse processo perfeitamente resolvido o synchronismo da voz e do movimento no cinema.

♦ ♦ ♦

Rumoreja-se na Filmlandia que, pronunciado o divorcio de Constance, casar-se-á ella de novo com Gouverneur Morris, conhecido escriptor e director de scena, divorciado tambem de uma grande modista newyorkina.

♦ ♦ ♦

Constance Binney havendo deixado a Paramount, desde que a Realart foi absorvida, partiu para a Europa, havendo sido

logo contractada pela Ideal Film Corp., de Londres, em um de cujos films apparecerá brevemente.

♦ ♦ ♦

Lillian Gish vae fazer agora uma serie de films sob a direcção de Griffith, films que serão distribuidos pela Allied Artists, ramo dos United Artists.

♦ ♦ ♦

A producção da Goldwyn annunciada para 1922-23 é de vinte super-films.

♦ ♦ ♦

Mary Alden e Mary Thurman figuram no novo film de Richard Barthelmess, *The bond boy*.

♦ ♦ ♦

Marshall Neilan e Blanche Sweet casaram-se em Ju'ho. O annuncio de seu noivado foi officialmente publicado em Junho. Vão residir em Hollywood os recém-casados.





"BEN HUR" NO CINEMA

Está anunciado oficialmente que a Goldwyn vai filmar *Ben Hur*, o celebre romance de Lewis Wallace, que tanto tentou os produtores americanos. Faz annos varias empresas tentaram adquirir os direitos sobre essa obra literaria, recusando, porém, ante a enormidade da somma exigida. Afinal, A. L. Erlanger adquiriu esse direito por UM MILHÃO DE DOLLARS. Foi com a empresa fundada por esse ultimo que a Goldwyn entrou em negociações e acaba agora de firmar contracto. As scenas principais serão filmadas nos logares proprios, Italia e Palestina; as de interior nos studios de Culver City.

♦ ♦ ♦

Doris Kenyon, que actualmente trabalha para os United Artists, nasceu em Syracuse, N. Y. Tem 1,67 de altura, olhos e cabellos castanhos. É filha de James Benjamin Kenyon, ministro Episcopal, poeta de renome. Seu verdadeiro nome é Margaret. De colaboração com o pai, Doris publicou um livro de poesias, *Spring Flowers and Rotten*.

Em 1915 estreou no palco. Trabalhou com varios dos mais famosos artistas da tela. Thomas Meighan, George Beban, Carlyle Blackwell, Conway Tearle, George Arliss, etc.



OS CASAMENTOS DE MARION DAVIES

(Entrevista concedida pela linda artista a um reporter indiscreto).

- Quantas vezes já se casou, Miss Davies?
- Só cinco.
- Só?
- Só, sim. Desejaria ter-me casado mais vezes.
- Já é gostar do casamento. E... de que mais gosta no casamento, com franqueza?
- Da cerimonia. Ha lá cousa tão bonita como uma cerimonia nupcial! É um instante de viva commoção.
- E ainda sente essa commoção? Sempre a suppoz mais pratica.
- Ora. De cada vez tenho a sensação da novidade.
- Sim?
- É exacto. Depois, as ceremonias sempre variam. A ultima aventura matrimonial foi com um official de marinha.
- Tenho experimentado tantos generos.
- Tenho experimentado tantos generos...
- É qual o que prefere?
- Sempre o ultimo.
- E actualmente, Miss Davies, está divorciada?
- Divorciada? Não comprehendo.
- Pois então? Para se casar cinco vezes é mister que tenha enviuvado ou divorciado, pelo menos quatro, não é?
- Mas olhe, senhor jornalista, que só me tenho casado em film.
- Ah! Pensei...
- Po's suppoz que era real? (Aqui a formosa estrella deu a mais crystallina risada deste mundo, murmurando, naturalmente, de si para consigo "Ha cada phoca neste mundo!") Casei-me em *The Young Diana*, *Bride's play*, *Getting Mary Married*, *Thesouro tentador* e *O crime do cinema*. Quanto ao resto... ainda não me casei nenhuma, senhor jornalista.
- E está comprometida?
- A não me casar tão cedo... cá fóra. No cinema, quantas vezes se fizer necessario.



Brunilde Caruzon, da "Invicta", do Porto, actualmente no Rio, fazendo parte da Companhia Lucilia Simões.



Mildred Harris
Mildred Pearson
Mildred Davis



Harry Carey



Constance Talmadge

DEVERES PATERNAES SÃO OPTIMAMENTE REPRODUZIDOS NO NOVO FILM "THE GOOD PROVIDER".

No film *Humoresque* ha uma legenda que diz: "Não te disse que as rezas de uma mãe são sempre attendidas?" E o velho Kantor responde: "Sim, mas as supplicas de um pae também valem alguma coisa."

Este pequeno dialogo fez lembrar a Frank Borzage, o joven director que alcançou a celebridade com o successo do film *Humoresque*, que só as mães é que são e'ogiadas em novellas, poesias, pinturas, bem como na scena falada e na muda. Os paes ficam sempre "no tinteiro", como se costuma dizer.

Pó's agora, esse esquecimento vae ser corrigido. Fanny Hursh escreveu uma historia intkulada *The Good Provider*, que será adaptada á tela por Frank Borzage e que elogia os deveres e sacrificios paternaes com minuciosidade e clareza, provando que os mesmos não são inferiores aos zelos e carinhos maternaes.

Tres artistas do elenco da *Humoresque* representam no *The Good Provider*. São Vera Gordon, Dore Davidson e Miriam Battista. Os outros nomes constantes do elenco deste ultimo são: Vivienne Osborne, Wil'am (Buster), Collier Jr., John Roche, Ora Jones, Edward Phillips, Muriel Martin, Blanche Craig e Margaret Severn, notavel danarina classica.

Ethel Clayton, concluido o seu contracto com a Paramount, passou a trabalhar para a Robertson Cole. Mr. e Mrs. Carter de Haven, os conhecidos comediantes, acham-se também com a mesma empresa. Jane Novak e Harry Carey também, assim como Helen Jerome Eddy.



ALDINE FAPPAR
E
TELLER

Medo occulto

"The Invisible Fear"

Produção do First National — 1921

DISTRIBUIÇÃO

Sylvia Langdon . . .	ANITA STEWART
Arthur Comstock . .	WALTER MCGRAITH
Bentley Arnold . . .	ALLAN FOREST
John Randall	Ogden Crane
A Sra. Marshall Arnold	Estelle Evans
Mr. Marshall Arnold	Hamilton Morse
Nagi	George Kuwa
Um copeiro	Edward Hunt

meira vez que a vejo assim, caída e triste.

Bentley riu, sem se preocupar. Sentia-se perfeitamente são, inteiramente apaixonado por Sylvia, inteiramente convencido de que Sylvia estava também apaixonada por elle. As mulheres eram sujeitas áquellas manias, como a de sua mãe agora, a respeito de Sylvia; e inclinava-se a acreditar que se Sylvia estava de facto assim "exquisita", como sua mãe dizia, era também alguma mania que lhe viera com

— uma dentre as muitas razões porque elle a amava tanto, tanto!

Entretanto, era verdade que na noite da sua volta, — começou a reflectir de si para si — mas para que pensar nisso agora? De resto, a psychologia das mulheres não era o seu forte. Amava Sylvia, e isso é que era o essencial.

Em cima, fechada no seu quarto, com as mãos de gelo apertadas contra os olhos, Sylvia estava a reviver o ultimo mez que passara, a pelear mais uma vez contra o



ANITA STEWART

Na noite do dia em que elle voltara de além-mar, quando finalmente os dois se viram sózinhos, a mãe de Bentley Arnold disse para o filho:

— Sylvia tem qualquer coisa. Ha muitos dias que noto nella uma mudança completa. Desde que está connosco, é a pri-

a imminente aproximação do dia marcado para o casamento. As raparigas padeciam também daquella mal, e Sylvia era mais feminina do que nenhuma outra das raparigas que Bentley até então conhecera,

invisível medo. Ah! se esse medo fosse visível! Se ao menos tivesse uma voz tonal, tangível, com que a accusasse, mãos com que a arrastasse ao pantanal da realidade, pés com que a espezinhasse! Mas

(Termina no fim da revista)

AO ARDOR DO CHICOTE

(UNDER THE LASH)

Film Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO:

Deborah Krillet..... GLORIA SWANSON
Robert Waring..... MAHLON HAMILTON
Simeão Krillet..... RUSSELL SIMPSON
Tia Anna Vandenberg..... Lillian Leighton
Jan..... Lincoln Shedman
Memke..... Thema Jasper
Rapaz cafre..... Clarence Ford

OPINIAO DA CRITICA

Bom trabalho de Gloria Swanson, em um thema sul-africano.

Moving Picture World.

Drama boer muito bem feito e representado.

Motion Picture News.

Bem feita esta passagem para o cinema, da conhecida e muito discutida novella *The Shulamite*.

Exhibitor's Herald

Drama interessante realista, com situações empolgantes.

Exhibitor's Trade Review.

O menos attrahente dos papeis até aqui feitos por Gloria Swanson.

Wid's

Em pleno "veldt" sul-africano, sob um sol ardente, ficava a immensa herdade de Simeon Krillet. Os campos eram vastos e as colheitas abundantes. Havia uma residência confortavel e vastas dependencias por toda a propriedade. Os bois lavravam o solo, os Kaffirs trabalhavam activamente, consagrando-se a varias occupaões. Sentado á sua porta, com uma Biblia no collo e uma dura expressão no rosto barbado e ossudo, Simeão Krillet, com os seus olhos encovados, acompanhava a marcha de um cavalleiro solitario que vinha pela estrada.

O lavrador hollandez era um fanatico religioso. Governava pela Biblia a sua vida, e pelo chicote a vida dos seus trabalhadores.

Um servo veio do pateo a correr.

— Que ha, Memke? — perguntou Krillet.

— Um forasteiro branco que vem chegando, da direcção de Friensberg.

— Já o vi, — disse o lavrador. — E' Roberto Waring, o inglez que contractei para servir como superintendente, aqui.

Nesse momento, Deborah, a jovem e linda esposa do lavrador, assomou timidamente a porta e lançou um olhar receoso para o lado do marido.

— E' um superintendente novo, Simeão? — perguntou com vivo interesse.

O boer olhou-a fixamente e franziu a testa.

— A modo que te interessa muito? — grunhiu desaprovadamente.

Uma onda de sangue affluia ás faces da moça que, apagando-se, murmurou:

— Isto aqui é tão solitario que um forasteiro que traz noticias do mundo lá de fóra terá pelo menos o condão de quebrar a terrivel monotonia deste logar horrivel.

— Pois olha: o melhor será que falles o menos possível! — aconsellhou com severidade. — Consagra-te lá ás tuas occupaões domesticas, e faze-me o favor de não te metteres nos meus negocios. Compreendes?

Deborah ercolheu-se, timorata, e curvou a cabeça submissamente.

A esse tempo um mancebo de boa appa-

rencia alcançara a porta, apeara-se, e sorridente, approximara-se de Krillet, com a mão estendida. Mas o lavrador ignorou-lhe por completo o gesto.

— Como vê, não demorei! — disse Waring.

— Era justamente o que eu esperava de si, — replicou Krillet.

Sobre as feições sympathicas do superintendente espallhou-se uma expressão de aborrecimento. Comprehendera claramente que o lavrador era um velhote rabujento, e sem lhe dar mais attenção, poz-se a desempacotar o que era seu.

Memke acompanhou-o ao quarto que lhe fóra reservado e recebeu-lhe a bagagem.



A leitura prohibida.



A colera do boer.



A Sra. Vandenberg.



Atou-a a um poste.

Dahi a pouco momentos appareceu Deborah, com agua e toalhas.

— Naturalmente o senhor ha de querer refrescar-se um pouco, depois da sua longa e fatigante viagem, — disse. — Eu sou a Sra. Krillet.

— Muito agradecido, — fez Waring, e considerando a affabilidade da esposa do boer, lamentou de si para si que ella se houvesse sacrificado a um homem como Krillet. — Vejo com grande prazer que a senhora é muito mais sociavel do que seu marido...

— Sei! — murmurou a moça alarmada. — Olhe que elle, se o ouvir, é capaz de fazer uma scena. Elle governa isto aqui a ponta de chicote!...

— Já o observei, — disse Waring sorrindo — e a mim elle não me mette medo nenhum. Confesso entretanto que não gosto d'elle. Infelizmente, a adversidade obrigame a tolerar-o...

— E' um homem muito religioso, — murmurou Deborah de novo. — Quem lhe obedecer ás vontades nada terá que recear, mas quem o contrariar soffrerá as penas do inferno!

Nesse momento, casualmente, Waring lançou os olhos para a porta que ficara aberta e ficou pasmo de alli avistar a alta figura de Krillet, que os olhava a ambas com uma expressão de escarneo.

— Boa inspiração tive em acompanhavos! — exclamou. — Assim, ao menos, fiquei sabendo a opinião que um e outro têm de mim!

A moça afastou-se humildemente, com um grito suffocado, mas Waring respondeu friamente:

— E' melhor ser franco do que mentir ou enganar. De resto, se eu estou aqui, não é por minha livre vontade!

— O senhor tem um contrato commigo; ou o cumpre, ou eu lh'o farei cumprir! Preciso de um homem como o senhor, e para isso lhe pago os seus serviços. Quanto a ti — disse para a mulher, com os olhos inflammados de raiva — trata de sahir deste quarto e pede a Deus que eu nunca te torne a apanhar aqui dentro! Estás ouvindo?

Tremendo de medo, pallida como uma morta, a pobre senhora esgrzeirou-se para fóra do quarto, acompanhada por um olhar de compaixão de Waring. E Krillet com ella sahio depois de dar ao superintendente instrucções para ir mais tarde fallar com elle á sala de jantar.

O joven inglez fez ouvir um prolongado assovio e disse de si para si:

— Que animal! Vou ter que roer um duro osso, por aqui! Este homem tyrannisa toda gente e tem a mulher sujeita pelo terror. Portanto, para não me sujeitar aos despotismos deste javardo, só tenho um caminho a seguir: é manter-me numa attitde sobranceira e firme diante d'elle.

Concluiu a sua toilette, e descendo ao andar inferior encontrou o velho boer a fumar um longo cachimbo. Sem alludir ao que se passára havia pouco, Krillet fez a Waring um esboco dos seus deveres, e o mancebo logo sahio para ir tomar conta das suas novas occupaões.

Um mez decorrido Waring desempenhara-se a pleno contento do lavrador das funcções do seu cargo, conseguindo tão grande economia na administração do negocio que os rendimentos de Krillet augmentaram de muito. Era o caminho mais seguro para ganhar-lhe a sympathia.

— Tenho observado que o senhor escreve muito todas as noites, — disse um dia Krillet a Waring á mesa do almoço.

— De facto, — disse o mancebo desprentenciosamente. — E' que sou romancista de

profissão e todas as noites consigno no meu diário apontamentos e observações que constituirão elementos preciosos para o meu futuro livro.

— Isso de romances, não é comigo! — disse Krillet brutalmente. — São livros profanos que pervertem o espirito das pessoas. Muito mais lucrariam ellas se lessem a sua Biblia! Mais do que isso: acho que os romances são até nocivos, pois distraem o espirito das pessoas dos assumptos religiosos.

— Isso é questão de opinião, — disse Waring, sorrindo.

— O senhor é então romancista? — perguntou pressurosamente Deborah. — Gostava de ver alguns dos seus livros, Sr. Waring.

— Seria um grande prazer, para mim mostrar-lh'os.

— Vel-os, podes, se quizeres, — atalhou Krillet, — mas lê-los é que não podes!

Esta resposta havia-a claramente contrariada; mas Deborah nada respondeu e seu marido collocou-lhe nas mãos um exemplar do Novo Testamento.

— Olha: se quizeres ler, lê isso!

Apanhou a carabina, poz o chapéu á cabeça e sahio a investigar o boato de que um gato silvestre lhe andava a dizimar o gado.

Deborah voltou-se então para Waring, com os olhos cheios de tristeza:

— Viu? — perguntou — Pois é assim todos os dias! Todos os dias é esta mesma catilinaria contra tudo quanto seja mundano!

— E' uma vergonha! — exclamou involuntariamente Waring. — O espirito delle é por demais estreito. Como pode elle esperar da senhora o que porventura ha em si de melhor, se elle a manietta deste modo! A senhora, positivamente, não goza a minima liberdade de acção, nem de pensamento! A sua vida deve ser uma verdadeira tortura!

— Póde ser que me fique mal dizel-o; mas amaldição o dia em que me caí com este hypocrita brutal! — disse Deborah com uma vaga coragem. — Não tenta senão reduzir-me, esmagar-me, o grosseirão! Não ouseo insurgir-me abertamente contra elle, mas em segredo, vou-lhe resistindo!

— E porque não se insurge abertamente?

— Se eu o fizesse, elle ainda me tornaria a vida mais dura. O senhor bem vê que nada tenho com que occupar o meu espirito e que a triste e baça monotonia deste logar promette arrastar-me á loucura com o correr do tempo.

— O seu cerebro está effectivamente submettido a uma pressão cruel! — disse Waring. — Precisa de um allivio, e esse allivio eu vou procurar fornecer-lh'o.

— De que modo? — perguntou ella descrente.

— Venha ao meu quarto.

Depois que ella entrou, elle collocou-lhe nas mãos varios romances.

— Mas de que serve? Elle não me deixa lê-los!

— Leia-os ás escondidas. São livros que eu escrevi. Naturalmente a senhora tem curiosidade de conhecer que especie de producção é a minha...

— Sim estou ansiosa por conhecê-los, tanto mais sendo o senhor o auctor... — disse com ingenuidade.

Pegou dos livros e foi escondê-los. De longe em longe, quando Krillet estava ausente, lia um delles, e isso parecia dar allivio ao seu espirito torturado, offerrecer um thema aos seus pensamentos, fóra dos preceitos da Biblia. De resto, as citações diarias, extrahidas por seu marido daquelle livro sagrado, chegavam para predica de qualquer pessoa de espirito sadio.

Iniciava ella certo dia a leitura do segundo livro, quando Krillet a surpreendeu e se lançou sobre ella como um bruto selvagem:

— Que é isso? que estás para ahí lendo?

— perguntou, suspeito.

— E' um dos romances do Sr. Waring, — respondeu Deborah.

Krillet suffocou uma impetuosa exclamação de raiva.

— E eu não te prohibi que os lesesses?

— Sim, prohibiste, mas não vi mal em lê-los e por isso...

— Ha mal, sim, porque elles te envenenarão o espirito.



A exploração da tia

— E' preciso também que eu tenha algum passatempo, Simeão.

— Não permitirei que discutas comigo, — atalhou, torcendo-lhe brutalmente um pulso. — Disse-te que não queria que lesesses esses livros, e não devia ser preciso mais para que me obedecesses!

— Espera! Deixa-me em paz!



Consolando a desgraçada.

— Não, não deixo! — disse apanhando um chicote de couro com a mão que tinha livre. — Vou dar-te uma lição que nunca mais te ha-de sahir da lembrança!

Pelo cerebro de Deborah passou uma apprehensão terrível:

— Santo Deus! — exclamou. — Porventura cessará...

— Vou-te administrar uma surra até te deixar por morto! Aqui, o que eu digo, é o que se faz, e vou-te ensinar a respeitar as ordens que dou!

— Veremos... — murmurou debilmente. E como o chicote já se alçasse, ameaça-

dor, Deborah, no seu desespero, accrescentou em voz cava:

— Suspende, Simeão! Não vês que podes matar... que podes matar o teu filho?

— O que? — replicou o lavrador com voz surpre-a. — Eu não sabia...

Perscrutou-lhe os olhos, e abaixou o chicote lentamente.

A moça deixou-se cahir sobre uma cadeira, a soluçar. Mas, recosa de que surgisse alguma seria desavença entre Krillet e o marido, depois disso, recorreu a um stratagemia para o evitar.

— No meu estado, — disse, — uma mulher precisa de alguma coisa que lhe interesse. E foi por minha exclusiva iniciativa que estava lendo aquelle livro.

— Quer isso dizer que Waring não teve culpa — commentou o lavrador.

A noticia que ella lhe dera enchera-o de satisfação porque ter um filho era um dos seus grandes desejos. E entregando á mulher uma Biblia:

— Olha, contenta-te com isto, — aconselhou com menor brutalidade.

Depois que elle sahio, Waring chegou e encontrou-a em lagrimas. A compaixão do mancebo por aquella infortunada esposa fóra-se a pouco e pouco convertendo em amor. Reconhecia em seu caracter um tal acervo de nobres qualidades que não podia vel-a em continuado sofrimento.

— O que foi que se passou? — perguntou o superintendente.

Ella contou-lhe, e accrescentou:

— Tive que mentir-lhe; mas, na minha afflicção, vi claramente que tinha que o fazer ou elle o mataria, ao senhor!

— Tolice! A senhora exagera o perigo!

— Ah, é que o senhor não conhece aquelle monstro tão bem como eu o conheço!

— Está bem, fallemos de outra coisa. De nada vale excitar os seus nervos desse modo. Acabará por ficar doente.

E poz-se a conversar com ella tão alegremente que em breve Deborah enxugou as lagrimas e um sorriso lhe aflorou á bocca.

Waring foi então para o seu quarto e no seu diário registrou o episodio da mentira que ella pregara na intenção de salvá-o.

— Por força se interessa por mim, senão não teria feito isto, — reflectiu, e sentia dentro de si um arrepió de prazer ao verificar que o seu affecto era retribuido pela formosa martyr.

No dia seguinte, a attitude de Krillet para com sua esposa mudou por completo. Agora, empenhado em que vivesse o herdeiro futuro, todo elle se desmanchava em meiguices e attentões.

— Se é forçoso que leias livros, então irei a Friensberg e t'os comparei do genero dos que tu deves ler, — disse para a esposa.

Ella acenou que sim com a cabeça e retirou-se do aposento, sem dar mostras da sua surpresa ante aquella mudança de tactica. Krillet parecia olhá-la agora com uma especie de veneração e não desejava senão satisfazer-lhe os minimos desejos.

— Se o senhor não estiver disposto a ir a Friensberg, eu poderei ir em seu lugar, — disse-lhe Waring. — De livros sempre entendo mais do que o senhor, e talvez possa fazer, portanto, uma escolha melhor.

— Está bem, — concordou o velho boer. — Dir-lhe-hei de que especie os quero: não desejo que minha esposa absorva idéa alguma que esteja em conflicto com os seus principios religiosos.

O tempo apresentava um aspecto ameaçador á partida de Waring, e effectivamente pouco depois delle dar principio á sua viagem, uma tempestade rebentou com tremenda violencia.

Deborah estava sentada a cozer, quando a voz de seu marido rompeu o silencio sombrio:

— Foi um pouco rispido demais contigo, não é verdade? Mas estou arrependido e

ancioso por te offerecer reparação. Dize lá: de que modo poderei reparar o meu erro?

Deborah sorriu ao lembrar-se do livro de Waring que motivara a ameaça do chicote e que não lhe fôra permitido concluir.

— Só de um modo poderás reparar o mal que fizeste...

— Qual é? qual é? — perguntou Simeão ancioso.

— Vae me buscar o livro que me impediste de ler. Desejava tanto terminal-o!

— Immediatamente, — annuiu Simeão — Espera que eu volto já.

E subiu ao quarto de Waring para o apanhar. Ao entrar, porém, observou um livro aberto sobre a mesa do centro e pegou nelle. Era o diário do superintendente e na pagina aberta continha esta nota:

"Segunda-feira. — O meu coração põe hoje Deborah mais alto do que tudo. Quanto a amo! Como o meu coração sangrou por ella quando ella me contou da mentira que, sobre o seu estado, disse ao marido, afim de me salvar da sua colera!"

Ante este documento da falsidade de sua esposa, uma nevoa vermelha pareceu surgir ante os olhos do boer.

Nesse momento, ouviu sua mulher dizer, em voz baixa, no "hall":

— Roberto, Roberto, estás ahí?

Deborah, ignorando que Waring fôra a Friensberg, em vez de seu esposo, batera á porta do quarto do superintendente, certa de que elle alli se encontrava. O chamado da esposa á porta de Waring ainda mais enfureceu o marido, que escancarou de roldão o batente e ficou a olhar a esposa, com o diário revelador numa das mãos.

— Ah, és tu? Vieste procurá-lo aqui? — disse com escarneo.

— Pensei que tinhas partido, — declarou Deborah, surpresa.

— Isso sei eu que pensaste. Se não pensasses, não terias vindo aqui, — commentou ironico.

E pelo tom da voz, pela attitudo de Krillet, Deborah percebeu logo que qualquer coisa se passara que ia desencadear sobre ella, mais violenta do que nunca, a raiva do marido.

— Mas que tens, Simeão? — balbuciou, a medo.

— Já te mostro! — berrou o boer possesso, puxando-a para si e empurrando-lhe sob os olhos o diário de Waring. Lê isto que está aqui!

E Deborah, tremendo, leu as linhas que denunciavam o seu estratagemma. Finalmente, teve assim de romper o silencio, dizendo:

— E, então?

— E' verdade ou não que tu lhe disste isto?

— Não, não é verdade!

— Mas de todo o modo, mentiste-me miseravelmente.

— Sim, menti no intuito de proteger Roberto Waring.

— De o proteger, hein? Quer isso dizer que o amas?

— Sim, reconheço que o amo!

O semblante do velho convulsionou-se n'uma expressão terrivel. Os olhos brilhavam-lhe no fundo das orbitas como carvões accesos. Memke nesse momento appareceu á porta.

— Vae-te vestir com o teu traje de casamento—finalmente ordenou Krillet, prompto a executar uma idéa que lhe passou pelo espirito desasosegado.

— Para que? — perguntou Deborah, intrigada.

— Porque te vou matar!

— Simeão...

— Silencio! — rugiu Krillet, feito uma fera.— Mentiste aos votos que me juraste com aquelle vestido e nada mais natural do que eu te execute com o traje que manchaste!

Memke, que estava á soleira da porta, coseu-se á parede e fugiu, mal viu a pobre

moça, tremendo, ir tirar de uma antiga mala o seu luxuoso vestido nupcial, para executar o mandado do marido.

O boer, como um abutre prestes a abater-se sobre a sua presa, não desviava della um momento os olhos.

Mas Memke, logo que ponde, desceu ao andar de baixo, e partiu para chamar Waring. Aquella ameaça de morte impressionara-o de tal modo que ella assentara ir pedir o soccorro de Waring, em favor da sua senhora bemamada.

A tempestade surprehendera o mancebo, logo ao principio de sua viagem. Um raio abatera uma arvore proxima á entrada, esmagando o carro e inutilizando um dos animaes.

— Assim, não posso ir adiante — reflectira Waring, e de novo se puzera a ca-



Occultando o livro.



Tu não farás isso, Simeão.



A moça e o romancista.



Que fazer.

minho da herdade, num dos outros cavallos. A meia distancia entre o ponto em que parara e a propriedade de Krillet, encontrara o Kaffir.

— Depressa, patrão! — disse Memke, em grande excitação. — Krillet leu não sei o que, escripto n'um livro, e vae matar a patrão!

Immediatamente, a verdade se fez clara no espirito de Waring, e mettendo-se á chuva, transpondo os atoleiros, seguiu com rumo á herdade.

O velho boer arrastara Deborah pela escada abaixo, apanhara o chapéu e a carabina, e atirara a moça pela porta fóra, para a conduzir á estrebaria.

— Chegou a tua ultima hora! — não cessava de dizer-lhe.

A principio, como sentisse o espirito anuviado pelo pavor, Deborah não tentou resistir-lhe; mas, quando elle a amarrou a um poste, começou então a debater-se furiosamente, na colera do seu desespero. Mas debalde luctava: Krillet era forte demais para ella!

Simeão depois que a viu solidamente amarrada, apanhou a carabina. Cahia sobre os dois o clarão amarello da lanterna que o boer pousara sobre um barri!

— Terás que pagar caro tudo isto! — disse a pobrezinha, arquejando.

— Naturalmente, contas com o teu amante para te vingar! — respondeu o marido, rindo.

— Roberto Waring é um homem de verdade; tu não passas de um miseravel! — replicou a infeliz, finalmente de posse de si mesma, e patenteando, sob a acção da brutalidade de Krillet, a coragem latente que ella sempre possuirá, mas não deixava perceber.

Acostumado como estava a vel-a encolher-se á sua minima ameaça, Krillet sentia-se agora pasmo, ante a transformação que se operara em sua esposa.

— Estás ficando atrevida! — observou-lhe.

— O que é pena é que eu não despertasse ha mais tempo! — replicou Deborah.

— De todo o modo, agora nada mais te aproveita!

— Estás então resolvido a proseguir no teu intento?

— Estou resolvido a dar cabo de ti, — respondeu o monstro, — e quando Roberto Waring voltar darei cabo d'elle tambem!

Recuou alguns passos, armou a espingarda, elevou-a ao hombro e visou o peito da mulher. Mas justamente no instante em que elle ajustava a mira, a porta escancarou-se e Waring entrou, acompanhado por Memke.

O velho boer deu volta sobre os calcaneares, e percebendo que era Waring, logo lhe apontou a arma; mas, sem vacillar, o mancebo arrancou da cinta o seu revolver. Ambos fizeram fogo; mas, dos dois, Waring foi o mais rapido. A bala de Krillet passou-lhe inoffensivamente por cima da cabeça. Quanto ao boer cruel, vacillou sobre as pernas, sacudiu os braços no ar e cahiu.

Waring correu para elle, e depois de um rapido exame, respondendo á interrogação que havia nos olhos de Deborah, disse n'uma explosão de contentamento:

— Está morto!

— Morto! — repetiu ella, em voz lugubre.

— Sim, morto, e estou bem satisfeito por ter dado cabo d'elle, antes que elle desse cabo de mim ou da senhora!

Libertou Deborah das cordas que a prendiam, e ouviu então o que se passara na sua ausencia.

— O melhor será o senhor esconder o corpo, — disse a moça — Os vizinhos vão dar por falta d'elle, e são capazes de o atacar, ao senhor, como responsavel pela desappareição do miseravel.

(Termina no fim da revista)

AVISO REVELADOR

(THE SIGN ON THE DOOR)

Film da First National — Produção de 1921.

DISTRIBUIÇÃO

Anne Hunniwell	: NORMA TALMADGE
Mrs. Lafe Regan	: CHARLES RICHMAN
Lafe Regan	: LEW CODY
Frank Devereaux	: David Proctor
Coronel Gaunt	: Paul Mc Allister
Rud. Whitting	: Helen Weiss
Helen Regan	: Mark Barnes
Kick Callahan	: Lew Hendricks

OPINIÕES DA CRITICA

E' um grande trabalho o de Norma

Essa famosa peça theatral nada perdeu ao ser transportada para o cinema.

Motion Picture News.

Esplendida adaptação de peça theatral de successo. A interpretação é de primeira ordem. Muito interessante.

Exhibitor's Herald.

Esse film produzirá indubitavelmente um grande successo.

Exhibitor's Trade Review.

Norma Talmadge apparece com brilho nessa adaptação de peça theatral.

Wid's.

O relógio do escriptorio batia as horas monotonamente sobre a secretária da dactylographa, e em volta, como se appro-

va de fechar, abriu-se a porta do escriptorio particular do chefe da casa, e o joven Frank Devereaux appareceu, passando ao departamento da contabilidade, onde lançou aos empregados de seu paço um olhar soberbo e arrogante, que os pôz mal á vontade.

Era um bello rapaz, bem cuidado de roupas e austero em sua attitude; mas em cujo rosto as feições frias e immoveis punham uma expressão de leve cynismo.

Anne Hunniwell, docil ao magnetismo que elle exercia sobre ella, levantou os olhos da machina, e percebendo um dissimulado aceno que o mancebo lhe fizera, aproximou-se delle.

— Miss Hunniwell, — disse com uma voz inexpressiva e fria. — Tenho que concluir algumas cartas de importancia.



Norma Talmadge

neste film, versão cinematographica da conhecida peça theatral de Channing Pollock

Moving Picture World.

ximasse a ultima hora do dia de trabalho, havia uma desusada actividade. Quando os empregados já começavam a lançar olhares furtivos ao relógio, na expectati-

queira passar ao meu escriptorio, com o seu bloco, para tomar o texto das respostas.

A formosa moça, de olhos negros, sur-

prehendeu o olhar significativo que elle lhe lançou, e acenou-lhe dissimuladamente com a cabeça ao mesmo tempo que se levantara da mesa e apanhava o canheño de notas e o lapis.

— Immediatamente, senhor, — respondeu humildemente.

Passou ao escriptorio que lhe fora indicado e sentou-se ao lado da secretária do joven Devereaux, onde ficou em silencio até elle voltar. Frank entrou logo depois, cerrou a porta, e um instante depois colheu-lhe a cabeça entre as mãos, e levantou-a para lhe beijar os labios com meiguice.

A joven stenographa não deu mostras de surpresa. Estava habituada a esse modo de agir do joven aristocrata, e sentia-se até orgulhosa por elle se pôr em pé de igualdade com uma rapariga tão obscura e pobre como ella.

— Foi uma "fita" que fizeste para enganar os empregados, aposto. — Misse a sorrir. — Não tens correspondencia nenhuma, não é verdade, Frank?

— E' preciso guardar as conveniencias, diante dos empregados, querida, — explicou o joven a rir. — Não convém darmos a perceber aos outros a nossa intimidade, comprehendes? Se o velho suspeitasse della, depressa estaria terminado o nosso pequeno romance.

— E pôde-se saber para que me mandaste chamar? — perguntou a rapariga, curiosa.

— E' que tenho idéa de me divertir um pouco esta noite, no Café Mazarin, e queria convidar-te.

— Ah! — fez Anne, ruborizando-se graciosamente.

Já mais de uma vez o joven gastador a levava secretamente a theatros e jantares, a restaurants de luxo, e a outros lugares de divertimentos. Era patente que elle se tomara de forte capricho por Anne, e isso fizera germinar no espirito da moça a esperanza de que algum dia elle lhe pronuzesse casamento e a desposasse. O modo como elle esbanjava o dinheiro no decorrer dessas horas deixara patente á rapariga quanto valia ser rico, e exaltara-lhe a ambição de vir a ser esposa de Frank. Era uma moça muito pura, a despeito de todos os pequenos embustes que elle lhe fazia praticar, como meio de se proteger das criticas e maledicencias do mundo. Nunca lhe poderia passar pela cabeça que elle fosse máo, e a andasse a engodar tão só de falsas esperanças, para um dia, quando farto della, a repudiar e a tornar numa nova victima de sua perfidia.

— Vae para casa, faze-te o mais bonita que puderes e vae ter comigo á esquinha do costume, depois do escurecer, ahí pelas nove horas, — disse-lhe Devereaux. — Vou-te levar a um novo *cabaret* que descobri, onde se come como em parte a'guma, e onde ha um programma que deixa a perder de vista tudo quanto até aqui temos visto.

A seducção de Broadway, a grande arteria de feéricas luzes, subjugou Anne, e ella cumpriu sem discussão as instrucções recebidas, tanto mais quanto muitas vezes sahira a passeio com Frank, sem que jámais tivesse razões de se arrepender.

Um *taxi* levou-os finalmente a um conhecido retiro, em que havia uma apparencia externa de grande respeitabilidade, mas cujos *habitues* tinham um ar mais do que suspeito. A maior parte dos homens, sentados ás mesas, ria alto, semi-ébrio, e as mulheres apresentavam-se quasi todas com *toilettes* ruídasas, ostentando *manquillages* escandalosas, fumando cigarilhas, abundando numa linguagem da maior vulgaridade. Em meio de uma den-

sa nuvem de tabaco uma banda atroava o ambiente com o seu jazz. Depois, não sem que lhe subisse o rubor ás faces, foram desfilando sob os olhos de Anne os numeros escandalosos que compunham o programma.

— Não me parece muito recommendavel este local, — disse embaraçadamente a Frank. — Gostava mais que me levasse para casa...

— Que tolce! disse elle, a rir. — E' justamente a originalidade, a novidade de tudo isto que me agradam. Encomendei um jantar muito fino — mandei-o servir num dos gabinetes particulares da galeria. Se te aborreço esta confusão, este barulho, aqui em baixo, podemos recolher-nos ao isolamento da nossa salinha de jantar. Depois que acalarmos de comer, ir-nos-emos então embora.

Não havia nada que ella pudesse objectar a esse alvitre. Assim fizeram portanto, e Anne deu um suspiro de allivio quando finalmente se cerrou a porta e os dois se viram a sós. A mesa estava posta para dois, e um *garçon* muito amavel, bem barbeado e bem vestido, veio receber as ordens para a refeição. A delicadeza, a excellentes linguagem, a evidente boa educação desse empregado chamaram a attenção de Devereaux.

— Você não se acha um tanto deslocado neste local? — perguntou elle ao *garçon*.

Decorreram alguns instantes de embaraçoso silencio, após os quaes, com evidente esforço, o criado misse, sacudindo os hombros:

— Que se ha de fazer? Quem precisa tem que sujeitar-se, — não lhe parece, Sr. Devereaux?

— Mas quem foi que lhe disse o meu nome? — perguntou Devereaux, intrigado.

— Foi o patrão, e recommendou-me que prestasse ao senhor e á senhora a minha melhor attenção.

Pronunciou o *garçon* estas palavras e ficou a olhar para Anne, na attitude de quem se contristava por ver em companhia de um dos individuos mais escandalosos da alta roda uma moça innocente como não podia deixar de ser aquella.

Devereaux encomendou um jantar requintado, e, mal o empregado se retirou, apertou Anne nos seus braços. Ella fitou-o um tanto assustada, pois notara que Frank não parara de beber, desde que tinham chegado. Além disso, observava-lhe agora um afogamento das faces, uma expressão do olhar, que a assustavam.

— Amo-te, petiza! — disse-lhe Frank em voz arrastada, — e acho que já é tempo de que o saibas.

Havia um que de excessiva familiaridade no modo como elle a segurava, e Anne, assaltada por uma nova onda de receio, procurou fugir-lhe dos braços.

— Frank! — objectou, — Deixe-me ir para casa, por favor! Supplico-lhe, Sr. Devereaux!

— Nada disso! Trouxe-te aqui para te divertires commigo, e...

Nesse momento, como junto á porta se fizesse ouvir uma tosse discreta, elle afrouxou os braços com que a prendia, e ella deixou-se cair precipitadamente numa cadeira.

Devereaux franziu a testa. Era outra vez o *garçon*, e atirando-se sobre a sua cadeira, junto á mesa. Frank poz-se a pensar se elle teria sido testemunha do que se acabava de passar, dentro do gabinete.

— E' o peixe, senhor, — disse o em-

pregado, destapando uma travessa coberta.

— E porque não bateu á porta? — resmungou Devereaux, apanhando um talher para servir a Anne.

— Queira desculpar-me pela minha desattenção, senhor. Foi a pressa: está lá em baixo um cavalheiro que diz que lhe quer falar com a maior urgencia.

Devereaux leu rapidamente o cartão que lhe foi entregue, e, levantando-se um tanto perturbado, disse para Anne:

— Desculpa-me um momento, querida. Vo'to immediatamente.

Tão depressa elle desapareceu, o *garçon* disse para Anne:

— A menina trate de se retirar quanto antes daqui. A policia está dando ali uma batida, e com certeza a menina não deseja que a levem presa.

Anne sentiu percorrer-lhe a espinha um arrepião de medo. Enchia-a de terror a idéa do escandalo, da vergonha de se ver apanhada num retiro excuso, como era por força este Mazarin.

Fez um passo para a porta por onde o *garçon* acabava de sair; mas, pallido, arrojante, Devereaux penetrou nesse instante no aposento.

— Santo Deus! Estamos arranjados! — disse de um jacto.

— Rogo-te de novo: faze-me sair daqui! — supplicou Anne, em grande agitação.

— Tarde demais, agora! Olha ali! — accecentou, apontando a porta por onde dois ou tres policiaes acabavam de entrar.

Foi então, no andar baixo do edificio, uma revoada de gritos, de pragas, de imprecações, o rumor de moveis quebrados, as intimações dos policiaes a todos, para que se entregassem.

Um minuto depois, Devereaux e a rapariga eram levados para o andar inferior e encontravam-se em meio de todo aquelle pandemonio.

Perto delles, á luz do magnésio, um reporter fazia uma photographia da scena, apresentando Devereaux e Anne logo no primeiro plano.

— Faça-me um favor: não publique essa photographia! — rogou Frank.

— E porque não? — objectou o reporter.

— Porque desejo comprar o negativo. Offereço pagar-lhe mil dollars se m'o entregar, sem d'elle ter feito uso. Embolsal-o-ei tão depressa saia daqui!

— Pois bem: fica ás suas ordens! — respondeu o reporter, esboçando um sorriso de intelligencia, ao pousar os olhos no cartão que Frank acabava de entregar-lhe.

A chegada do carro de transporte de presos impediu que a conversa fosse adiante, e todos foram immediatamente conduzidos á mais proxima estação e ahí usaram o usual subterfugio de declarar falsos nomes e endereços. Depressa chegou quem affiancasse os presos, de maneira que passada uma hora, Devereaux e Anne estavam de novo em liberdade.

No dia seguinte Devereaux recebeu o negativo comprado e Anne deixou de comparecer ao trabalho, pois, depois de tudo quanto havia occorrido, achou que não devia ter mais nenhuma dependencia para com Frank e a sua gente.

Cinco annos depois Anne Hunnwell tornou-se esposa de um dos homens mais considerados de New Rochelle, um viuvo que tinha uma linda filha, por nome Helen. Madrastra embora, que era agora a Sra. Lafe Regan não tinha muito mais idade que sua enteada, e como se queriam

muito as duas decorria-lhes a vida num ininterrupto prazer.

Lafe Regan era um homem de alta vergadura moral e occupava uma alta posição social, da qual derivava para sua esposa um prestígio e uma consideração que ella jámais sonhara merecer.

Um dia, na occasião de Anne estar a conversar com Helen, o carteiro trouxe á moça uma carta que a fez corar subitamente. O facto não passou despercebido a Anne. A letra do sobrescripto acordou no espirito de Anne uma vaga reminiscen-

to bem quero a este joven que me escreve!

— Posso perguntar-lhe o nome? — indagou Anne curiosamente.

— Por enquanto não, querida, — respondeu Helen, a hesitar. — Elle pediu-me que guardasse segredo por algum tempo. Quando chegar a occasião, contar-lhe-ei tudo.

— Helen, teu pae já tem conhecimento disso? Bem sabes o amor que elle tem á sua filhinha, quanto elle é cioso da tua felicidade, do teu bem estar.

— Não me atrevo a dizer-lhe nada por

sem coração que nunca são demais todas as precauções.

— Por esse lado, esteja descansada: o meu admirador não pertence a essa especie, — disse Helen com um sorriso confiante. — Tenho a certeza de que a senhora ha de gostar d'elle quando o conhecer. Faço tenção de o convidar brevemente para vir aqui, e então a senhora verá por si mesma.

Depois dessas palavras a moça retirou-se e Anne entreteve-se lendo um romance até á tarde, quando chegou seu marido.



Norma Talmadge

cia, a certeza de que já vira aquella calligraphia, muito embora não lhe fosse agora possível recordar onde.

— Uma carta de homem! — disse em ar de censura á menina que se havia dado pressa em devorar o conteúdo do envelope.

— Sim, de um homem, de um bello homem! — disse a moça, fitando-a com enlevo.

— Estás então apaixonada? — perguntou Anne, ansiosamente.

— Sim, nem eu lhe saberia pintar quan-

emquanto. Só conheço um affecto meu de que elle não tem ciúmes: é o que eu contagro á senhora. Assim, se eu lhe dissesse o que se passa em mim, agora, é mais que certo que elle atroaria o céu de imprecacões. Quero portanto que elle conheça primeiro o meu namorado, que verifique a esplendida escolha que fiz, e tenho a certeza de que, depois disso, elle nada terá porque me censurar.

— Pensas bem, e se te falei, Helen, foi só para o teu bem, pelo empenho que tenho em preservar-te contra qualquer mal possível. Ha no mundo tantos homens

que a boijou com meiguice, apaixonado e carinhoso como sempre.

— Acabo de ter novas noticias de Gaunt, Anne, — annunciou. — Já te disse que Gaunt é o mais intimo dos meus amigos, não é verdade?

— E' aquelle que está em França, pois não é?

— Esse mesmo: foi para a guerra contra os allemães e quando se concluiu a paz, mandou buscar a mulher para Paris. Agora, porém, entornou-se o caldo...

(Termina no fim da revista)

BOBBY — AVENTURAS DE UM MENINO

Film em cinco actos — Direcção scenica de Karl Ehmann — Produção da Vita Film, de Vienna — 1921-1922

DISTRIBUIÇÃO

Holgermann, fabri-	
cante	Julius Strbl
Sua esposa	Peggy Longard
Bobby, filho do casal	THOR LUMINSKY
Mme. Sering	Else Schilling
Mimosa, sua filha . . .	MARGIT LUMINSKY
Dr. Morton	Karl Goetz
Um limpador de cha-	
minés	Eduard Sekler

Esta encantadora fita, que tem por protagonista um menino de doze annos de idade, ainda mais prende por este motivo a attenção do espectador.

Bobby é um collegial que certo dia, ao voltar da escola, encontra num parque proximo dois meninos que, tendo encontrado só uma indefesa menina, della zombavam grosseiramente. Elle, sem que ella gritasse por soccorro, vae em seu auxilio e consegue afugentar os dois pequenos malfeitores...

A menina, que se chama Mimosa, fica gostando delle e Bobby ainda mais della e diariamente os dois estão juntos, ou em casa da mãe de Mimosa ou na dos paes delle.

Assim passam-se os tempos até que certo dia, estando os dois convidados para uma festa infantil em beneficio de uma instituição de caridade, e depois delles terem se apresentado num bailado, deram por falta de Mimosa, que desaparecera mysteriosamente.

Bobby não se conforma com a ausencia de Mimosa, sua encantadora amiguinha e não confia tampouco nas providencias da policia para a descoberta e resolve-se então, a procura-la pessoalmente. Mais de uma vez elle desconfia de pessoas, que nada têm que ver com o assumpto, e a policia já não o quer attender mais, quando elle pede o seu auxilio, afim de ver se as suas desconfianças têm ou não procedencia.

Os paes de Bobby já estão apprehensivos com o pequeno, que não se alimenta direito por causa da dor que o compunge e



A convalescença.



Os dois amiguinhos.



Bobby.

por passar elle dias inteiros fóra de casa sempre em novas pesquisas para a descoberta de Mimosa.

Um velho guarda-jardins, que gostava muito de ver as duas crianças sempre juntas, vê certo dia Bobby só e muito tristonho e quer ajudal-o na descoberta da sua fiel companheirinha.

Um cachorro que o pae de Bobby lhe havia dado como premio de seus bons exames e que agora era seu inseparavel amigo, certo dia tambem o acompanha á casa da mãe de Mimosa e a esta o menino pede uma meia de Mimosa, para que por ella o cachorro pudesse ter o rastro da menina desaparecida. Dias depois, o cachorro e o menino encontram em caminho um preto, e o cão quer immediatamente seguil-o e assim Bobby conseguiu descobrir um novo ponto para suas pesquisas em torno do desaparecimento de Mimosa. Em certa altura o preto entrou num jardim que rodeava elegante e vistoso palacete e Bobby querendo saber quem ali morava, dirige-se a uma quitandeira que estaciona proximo aquella casa e pergunta-lhe o nome dos

donos da casa. A quitandeira apenas soube lhe dizer ser um velho medico de nome Morton, que tinha dois criados, ambos pretos.

Como Bobby não conseguisse entrar na casa, resolveu immediatamente procurar o seu amigo, o guarda jardim, para delle receber conselho. Este resolve juntamente com Bobby, irem juntos á casa de uma velha que elles conheciam para em conselho resolverem o que devia ser feito.

O velho guarda-jardins tem um sobrinho que é limpador de chaminés, e tem assim direito de entrar em qualquer casa para ver se está tudo em ordem. Assim elles chegam a accordo para o dia seguinte e na mesma noite, o velho guarda-jardins e Bobby ainda combinam com o sobrinho do guarda como deviam elles entrar na casa do dr. Morton. Ficou resolvido que Bobby seria o ajudante do limpador de chaminés no dia immediato.

Depois de tudo bem combinado, os dois no dia immediato vão á casa indicada e ali a creada não os quer deixar entrar, mas, ao lhe ser dito que qualquer demora na limpeza da chaminé poderia transformar a casa em um montão de cinzas, ella os deixa entrar e percorrer toda a casa examinando todos os fogões, com excepção de um que a preta não consentiu por se achar o mesmo no laboratorio do dr. Morton. Os dois resolvem entrar para aquelle compartimento pelo telhado e ali Bobby descobre a sua Mimosa já completamente desalentada. Sem perda de tempo elle vae á policia e esta o attende mais uma vez e manda prender immediatamente o dr. Morton no Club dos Diarios, mandando, a seguir, proceder a uma rigorosa busca na residencia delle. Nesta busca Mimosa é encontrada, mas já completamente desfalecida.

O medico comparece perante o juiz e ali confessa o seu crime. Allega elle em sua defesa que o fazia ha muito tempo com crianças e sempre para, pela transfusão do sangue, poder alimentar o seu corpo já alquebrado pelos annos e pela arterio esclerose.

Mimosa volta depois para casa de Bobby e este fica sendo o heróe da cidade pela descoberta que fizera, recebendo ainda dos seus innumeros amigos e amiguinhas uma grande manifestação.



Lançando o limpa chaminés.



A menina salva.

ALMAS RIGIDAS

(THE DEADLIER SEX)

Film Pathé N. Y. — Produção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Mary Willard . . . BLANCHE SWEET
 Harvey Judson . . . MAHLON HAMILTON
 Henry Willard . . . Winter Hall
 Huntley Green . . . Rosy Ladlaw
 Jim Willis . . . Russell Simpson
 Jules Borney . . . Boris Karloff

OPINIÕES DA CRÍTICA

Deve divertir o publico essa combinação de bom humor e paizagem.

Moving Picture World.

Historia sem logica, em varios pontos absurda.

Motions Picture News.

Este film deve interessar a todos os publicos, sendo cotado como produção de primeira ordem.

Exhibitor's Trade Review.

Drama intenso com varios incidentes comicos.

Wid's.

Quando Harvey Judson abriu os olhos sobre todo aquelle verde que o rodeava, o primeiro pensamento que lhe varreu o cerebro confuso foi que, por algum meio para elle inexplicavel, o tinham transportado ao Parque Central de Nova York. Sentou-se, poz-se a olhar estupidamente para as rochas limosas, para as arvores verdejantes em torno, instinctivamente buscando, para além dellas, as emalhas dos grandes palacetes de residencia collectiva que contornam aquelle logradouro.

— Só queria que me dissessem... — murmurou numa voz arrastada e densa, que não podia ser a sua, pois não havia principio a que elle fosse mais escravo do que o de não tocar em alcool — sempre queria que me dissessem onde fica a mais proxima entrada do subway!

As palavras, com grande surpresa sua, sahiam-lhe gaguejadas dos labios, ao mesmo tempo que os seus olhos erravam pelo curso d'agua que passava ali perto, pela pequena choupana um pouco além. Ora também havia cursos d'agua no Parque Central, mas eram cousinhas insignificantes e timidas. Também lá havia cabanas de genero rustico, as quaes eram antes retiradas adrede preparadas para casais de namorados. O que lá não havia, porém, era uma torrente tumultuosa, atoadora, espumante, como aquella em que agora pozavam os seus olhos. E Harvey Judson deixou escapar, não uma praga, porque, por principio, não praguejava nunca, mas um expletivo vigoroso.

— Mas, pelos cornichos da lua, onde diabo vim eu parar?

Procurou reflectir tranquillamente. Cinco minutos antes estivera sentado à sua secretária do edificio Woolworth, examinando os seus planos fincos para a aquisição da rede ferro-viaria Willard. Estendera justamente a mão para apanhar uma caneta quando acontecera qualquer coisa que, tanto quanto podia lembrar-se-lhe, parecia o fim do mundo. E agora ali-o, ali estava nalgum ermo solitario, esquecido por Deus, e o que era peor, esquecido pelas estradas de ferro, sabe Deus a quantas milhas de Nova York.

Soltou outra exclamação, e logo depois um resmungo de desalento e de surpresa. Já era quasi noite quando elle estivera em seu escriptorio, e agora via projectarem-se

sobre a relva, a seus pés, as sombras esguias da tarde. E assaltou-o a conclusão desoladora de que subtrahira à sua vida um dia de trabalho completo!

— Fui raptado! — berrou alto no ambiente tranquillo que nenhum conforto lhe offerecia. — E quem está mettida nisto, é por força aquella rapariga Willard! O som da sua voz, ao telephone, devia-me ter indicado claramente que ella era capaz de tudo! E o "merger" combinado!... Sautelle é um bobo alegre que, sem mim, vag com certeza atrapalhar tudo... Não, preciso voltar, e quanto antes!

Fez uma duzia de passos e logo se deteve, desanimado. Vá lá saber como voltar de um logar selvagem como este, sem postes indicadores, sem "Linha Verde", que se pudesse seguir, sem ruas, sem taxis, sem estradas de ferro terrestres nem aereas!

Na hora seguinte, Judson, em vez de proceder como era seu habito, com methodo, serenidade e reflexão, agiu de modo inteiramente opposto. Poz-se a correr a toa, para um e outro lado, berrou até ficar rouco, chegou mesmo a pôr de lado os seus principios e desatou a praguejar vigorosamente, sim, em estylo de simples amador. Ao fim dessa hora, arquejante, vencido, impotente deixou-se cahir sobre os degraus que davam entrada para a pequena barraca.

Segundo todas as perspectivas, não havia sonhado em tomar um trem para Manhattan nessa noite.

Seguir pormenorizadamente as acções de Judson através essa noite, seria longo e monotono. O seu entretenimento consistiu especialmente em matar mosquitos e planejou a tremenda vingança que não deixaria de executar contra a gente de Willard, e especialmente contra Maria Willard, aquella rapariga da sociedade, a quem cohera, por herança, toda a propriedade ferroviaria de seu pae. Havia de lhe fazer ver — pá! pá! Um mosquito! — que havia leis que protegiam os cidadãos inoffensivos de serem raptados pela força e afastados das suas occupações — pá! pá! — outro mosquito! Fal-a-lhe prender, sim, com todo o seu pessoal, a accusal-os-lhe, a todos, de conspiração, rapto, assassinato, incendio e... pá! pá! Mais mosquitos! — e de quantos outros delictos pudesse acrescentar!

A manhã encontrou-o numa attitude realmente perigosa. Uma curiosa sensação, com sede debaixo do seu collete, recordava-lhe que, a essa hora, era seu costume entrar em Broadway numa sala de "lunch", toda forrada de porcellana branca e ingerir duas laranjas, dois ovos, uma torrada e uma chicara de café com leite, ao mesmo tempo que corria os olhos pela pagina financeira do seu jornal, e annotava os titulos que poderiam prestar-se com vantagens às operações do dia.

Uma revista passada à barraca revelou uma frigideira, nella duria de phosphoros, um naco de tucinho frio e não convidativo. Debalde tentou uma combinação de herbas silvestres e ramos verdes, a que chegou um phosphoro, mas desistiu desgostoso e enterrou o seu correcto Borsalino sobre a espessa camada de cabelos castanhos, que lhe cobria o cranium. Sabia por ali fora, assentou, e caminharia até encontrar algum fillo daquellas soldões hostis, que mediante uma boa souna, uma somma razoavel mesmo, o levasse à mais proxima estação da estrada de ferro. Algumas horas de viagem o levariam a Wall Street, a tempo de evitar que fosse por agua abaixo o plano que ideara para

se apossar da rede ferro-viaria dos Willard.

Quando, finalmente Harvey Judson alcançou a moradia do seu mais proximo vizinho, sentiu-se um tanto amarrado, tanto no seu collarinho, como na sua confiança. Sem embargo, fiel aos processos aggressivos que eram de seu habito, elle transpoz a passo firme o atalho e bateu à porta da barraca, cuja chaminé, a despedir confortadores caracões de fumo, denunciava ser aquillo, finalmente, uma habitação humana.

— Bons dias, santo homem! — disse, dirigindo-se ao alto e desengonçado individuo, vestido de bellutina descorada, que lhe viera abrir a porta. — Procuro alguem que me leve à mais proxima estação de estrada de ferro!

O homem de belbutina retirou da bocca o seu cachimbo silvestre, olhou longamente Harvey da cabeça aos pés, e apontando à estrada um pollegar encourado e negro, informou cordialmente:

— Siga por ali fóra, meu rapaz. Ponha os olhos na beira da estrada, que se tiver boa vista ha de avistar uma estaçãozinha, mais ou menos a vinte milhas daqui.

Judson puxou de uma carteira bem recheada.

— Pagar-lhe-ei com generosidade! — disse, estendendo uma nota amarella, tentadoramente, defronte do nariz do outro. — Cem dollars, quer? Olhe que é mais do que o senhor pode fazer, em um mez, nestas paragens!

Mas, ao contrario do que podia suppor, o mateiro sacudiu enfatiadamente a cabeça: — Não quero o seu dinheiro. Tenho para ali algum, obra de uns vinte dollars... — replicou jovialmente.

Harvey franziu a testa, hesitou e accrescentou uma segunda nota à primitiva. O outro riu. Uma terceira nota appareceu nas mãos de Judson, mas o morador do deserto riu com mais força, e Judson mais uma vez violou o preceito de não praguejar, a que fora fiel tanto tempo.

— Olhe lá, cuidado! — resmungou Jim Willis, em ar de censura. — A minha sobrinha não está habituada a ouvir dessas palavras, por aqui!

Só então, o new-yorkino se apercebeu de que ali perto, retrahida, uma rapariga acompanhava a scena escancarando uns olhos daquelle azul-cincento que tem o ceu nos dias de tormenta. Era uma bonita moça, registrou o seu espirito sub-consciente, mas nem por isso desviou a attenção de Judson da questão em debate. — regressar a Nova York tão depressa quanto lh'o permittem os recursos financeiros de que dispunha. Porque lh'o haviam de permitir — affirmava de si para si, fiel ao respeito que tem todo o bom fillo de Manhattan pelo poder que exercem os pedacinhos de papel gravado, editados pelo governo, nas suas officinas de Washington.

Esta fé, não a haviam abalado aquelles quinze minutos de debate, muito embora o convencessem de que o armadilheiro tinha, com certeza, uma abuela de menos ou de mais! Sim, porque só um lance recusaria quatrocentos dollars pelo trabalho insignificante de remar uma canoa, com um homem, num trajecto de meia duzia de milhas, a favor da corrente. Judson considerou, entretanto, entender-se com o matreiro quanto ao almoço, e aproveitou então para observar-lhe mais de perto a sobrinha. Era bonita, sim, não havia duvida, e o que havia de mais estranho, e que parecia uma moça de julão.

Comquanto, porém, consentisse em guiá-lo até a sua barraca, viu a sobrinha de Willis quando Judson lhe offereceu dinheiro para que o levasse até a mais próxima estação ferroviária:

— Dinheiro? Pfful!... — disse. — Para que serve o dinheiro nestes matos de Nosso Senhor?...

— Pois olha: em Broadway serve de muito — disse Judson gravemente. — Sabes, pequena, que tenho o bastante para comprar mil vezes esta miserável galinha do teu tio?

— É que adianta isso? Olhe: para o que o seu dinheiro não serve é para comprar sequer uma polgadinha do céu! — disse, a acenar a medula com um dedinho cor de rosa, e a olhar para Judson, com uns olhos maliciosos.

— E depois, a que vem falar da cidade, de Broadway, do seu dinheiro? Olhe em volta de si. Pois não é mais lindo isto aqui, os passaros a gorgorearem as suas carícias, o sol a espelhar-se na água do rio, as nuvens projectando a sua sombra sobre a lombada dos montes?

E por mais que a incitasse, que a tentasse, que a seduzisse, jámais a rapariga sahia dessa sua attitude. Passaram dois dias, tres, uma semana, e Judson privado de suas paginas financeiras e das suas laranjas, continuava a entreter as suas horas, deixando errar os passos á beira do rio gorgulhante indo de vez em quando á barraca de Willis offerecer sommas maiores a quem lhe quizesse servir de guia.

Foi numa dessas viagens que Judson descobriu Jules. Quando o viu pela primeira vez — um rapazola alto, espadado, tizado do sol, mettido num pittoresco traje de lenhador — encontrou-o na attitude de quem suspirava os seus apaixonados amores á sobrinha de Jim Willis que o ouvia de olhos baixos, mas sem o minimo indicio de enthusiasmo, — o que a subconsciencia de Judson não deixou de consignar, com mysterioso contentamento.

Jules approximava-se della mais e mais, invocava o céu por testemunha da sua ardorosa paixão, mas com tal vehemencia que a rapariga, constrangida, ia recuando passo a passo. Por fim, segrou-lhe nas mãos, mas... Traz! Com um repentino movimento, a pequena libertou uma das mãos, e castigou o cortejador com a raiva de uma creaturinha selvagem, a ponto de deixar assignalado naquella rosto bronzeado o marco dos seus delicados dedinhos. Mas ao bote respondeu um riso escarminho de Jules, que, logo a colheu seguramente nos seus braços, para a vindicta, a arquejar sobre aquellas faces de rosa a sua colera e o seu desejo.

Ora, Harvey Judson era um producto da metropole, um homem pratico, sem tendencias para o romance, um homem muito mais azevado a pelear com apolices e titulos do que com os punhos que Deus lhe dera. Jámais, mesmo no decurso dos seus vinte e nove annos convencionaes e urbanos, lhe acontecera corral-os para a aggressão ou para a defesa. Nesse momento, porém, por sob o paletot do seu terno rigorosamente elegante, ultimo modelo Manhattan, pulsou qualquer coisa de primeiro, talvez o homem das cavernas subitamente arrancado á sua multi-secular modorra. Quasi simultaneamente, respondia a esse abalo interno um passo instinctivo para a frente e um punho assestado sem arte, mas com vigor, ás costellas do franco-canadense.

— Vae-te embora, maldito! Deixa essa menina em paz!

E então, com o exclusivo testemunho daquella rapariga que arregalava os olhos desavairada, os dois homens pelearam como bestas-feras sob as arvores da floresta, num encontro cruelmente desigual, uma vez que

Judson, noviço em taes embates, continuamente ia ao chão e se levantava de novo, a limpar os olhos do sangue, a cambalear atoa, até que um novo murro o derrubava outra vez. Finalmente, após um desses murros, Judson não se levantou mais, e Jules, num riso bestial que lhe punha a descoberto os dentes brancos, por sobre o corpo da sua victima transpoz a distancia que o separava da entrada da barraca, onde a moça, tranzida de pavor, havia buscado refugio.

— A lei da floresta, doninha, é que a mulher pertence áquelle que por ella luta, e vence o seu rival! — disse, debruçado sobre ella, bafejando-a do seu halito tumultuoso e quente.

— Mas eu não reconheço a tua lei! — disse a rapariga, esboçando um movimento rapido. E Jules recuou, ao sentir o aço frio do cano de um revolver, encostado ao seu peito offegante.

— Vae-te embora daqui! Disse-te que lutasses com elle, mas não te disse que o matasses! Vae-te embora depressa, senão abro-te nessa bocca um buraco tão grande que nunca mais poderás rir!

A sós, depois, com aquella figura prostrada no chão, a pequena certificou-se primeiro de que Judson estava apenas atordoado. Depois, de pé, com os olhos postos naquelles bastos cabellos castanhos, na juvenildade que resumbrava daquelle vulto inconsciente da vida e de si mesmo, os seus olhos de tormenta enterneceram-se em lagrimas:

— Eu bem adivinhava que tu eras um homem a valer, e não uma simples machina de fazer dinheiro! Mas precisava certificarme...

Não acabou a phrase. Correu á barraca, trouxe agua, e lavou o sangue da testa de Judson, até que por fim o viu abrir os olhos e fitá-los nos della com uma expressão em que não pairava a sombra de apolices nem de titulos, mas em que se reflectia a nitida claridade azul do céu.

E começou desde então a reincarnação de Harvey Judson, financeiro e magnata ferroviario, outrora de Wall Street, e mais tarde de um ponto dos Adirondacks, não registrado em nenhum mappa. Não foi uma reincarnação repentina, bem claramente, mas é de notar que em pouco já Judson não se preocupava de saber o que estaria fazendo Sawtelle, nem da cotação alcançada na bolsa pelas acções da P. G. R. R. Quasi se esquecera mesmo da sua raiva ao pessoal de Willard que o raptara e que o finha, virtualmente, seu prisioneiro, naquella inacessivel deserto.

Jim Willis continuava a recusar todas as offertas feitas por Judson em troca da sua restituição aos seus dominios de Wall Street, muito embora já fossem de quatro algarismos, e não tres, as cifras offerecidas como recompensa. Harvey foi portanto arrastado a concluir que elle estava a soldo dos seus inimigos, e nesse sentido fez insinuações claras a Mary Willis, uma tarde, em que os dois, depois de um dia inteiro de pesca, conversavam á beira de uma fogueira.

— Aquella rapariga Willard pensa que já me venceu! — disse Judson a rir. — Eu estava com o olho acceso na estrada que ella herdou do pae, e já a tinha quasi segura quando ella adoptou este systema do rapto, para se ver livre de mim. Foi pena: o "merger" que eu planejei ter-me-ia mettido nada menos de tres milhões de dollars no bolso!...

Mas, na sua voz, pezarosa embora, não havia o minimo vestigio de rancor.

— E' mesmo uma pena deixar escapar um lucro desse vulto! — disse Mary, hesitando. E poz-se a olhar para as chamas crepitantes, com o clarão cambiante do fogo a reflectir-se-lhe no rosto.

— Sim, lá em Broadway, é importante — concordou Judson. — Aqui, porém, não sei; parece que o dinheiro tem uma significação differente, uma importancia menor. Depois — acrescentou inclinandose para ella — se eu não tivesse vindo parar aqui, não a teria conhecido, e se eu não a houvesse conhecido, teria perdido muito mais do que dinheiro, Mary!

Mary recuou um pouco, e com um mysterioso tremor na voz, perguntou:

— Diga-me, Harvey: o senhor viu alguma vez essa pequena, esta tal Willard?

Judson por-se a olhar para ella, admirado:

— Não... por que? E depois, que adianta falar della ou de qualquer outra pessoa, que não seja você, Fary... você e eu!

Mary levantou-se, e Judson percebeu que ella tremia. Sem embargo, conservava a voz firme e serena:

— Olhe para mim, Judson, e verá essa pequena... Willard.

Judson a principio encarou-a incredulamente; depois, quando já se preparava para falar, ella deteve-o:

— Espere! espere um momento! Deixe-me falar e depois mande-me para a cadeia se quizer, ou odeie-me, o que tudo é seu direito. Em todo caso, o odio será peor castigo, juro-lhe! Deixe-me porém dizer-lhe primeiro o que fiz, e porque o fiz.

Apertou as mãos fortemente ao peito, na attitude de quem se forçava a falar e proseguir:

— Meu pae admirava-o, e disse-me, antes de morrer, que o senhor seria um esplendido homem se não tivesse tanto amor pelo dinheiro. Ora, eu queria salvar a minha estrada, é certo, mas queria ainda mais salvá-lo, ao senhor. O senhor era o heroe que a minha fantasia de criança tinha criado, e não me podia conformar com vel-o transformar-se para peor...

A voz parou-lhe, e de repente desatou a chorar. Já não era então a mulher imperiosa que planejava autoritariamente o seu caminho: era apenas uma pobre rapariguinha, humilhada na sua vergonha, e femininamente contristada ante a perspectiva de um triste desfecho da sua aventura. E as lagrimas de Mary, sem que ella tivesse consciencia dos seus movimentos, acabaram por cõrrer sobre o peito de Judson, onde ella buscara instinctivamente abrigo e conforto para a sua dor.

— E a... a... go... ra, o se... se... nhor nun... nunca mais... vae... vae... pa... parar de... de... me ter... rai... rai... va, ná... não... é ver... ver... dade? — tatumudeava a pobrezinha, por entre lagrimas.

— Ora qual! — respondeu ao seu ouvido a voz grossa de Judson. — Eu lá sei ter raiva a você? — acrescentou beijando-a. — Ademais, que representam na vida de um homem tres miseraveis milhões de dollars?... Queres pagar-m'o? Paga-me em milhões de beijos!...

AO ARDOR DO CHICOTE

(FIM)

— Mandarei collocar o corpo entre os despojos do carro que deixei á beira da estrada—disse Waring. Assim pensarão todos que elle foi victima de um accidente, e não exigirão outras explicações.

Assim fizeram, e Mesuke foi encarregado de espalhar a versão de que seu amo morrera no horrivel temporal recente.

Ao fim da semana, normalisara-se a vida na herdade, abrindo a Deborah novas perspectivas de paz e felicidade. A pobre moça não mais se preocupava de dissimular os impulsos de seu coração. Por fim, tão ma-

AVISO REVELADOR

(FIM)

nifesto isso se tornou a Waring que, aproveitando um momento em que os dois estavam a sós, na sala da residência, o superintendente achou conveniente ter com ella uma explicação.

— Vou partir, Sra. Krillet. Aqui lhe deixo uma confissão escripta a respeito da morte de Simeão Krillet.

— Mas para que, porque parte? — interrogou ansiosa.

— Minha esposa...

— Santo Deus! O senhor é então casado?

— Sim, com uma mulher que detesto! Uma funesta alliança como a sua! Mas estou trabalhando para o divorcio, e parto justamente para adiantar o processo o mais possível.

Deborah sentiu que essa partida lhe subtrahia de novo toda a sua felicidade, e pediu a Waring que se demorasse mais algum tempo na propriedade.

Depois, foi a visita da tia Anna Vandenberg, irmã de Krillet, que, tendo vindo à caça de um dote prometido pelo velho boer a seu sobrinho, se sentiu extremamente desapontada com a morte do seu abastado parente.

A partir desse dia, a tia Anna tornou-se insupportável para todos quantos viviam na fazenda, e mais tarde, como por um funesto acaso lhe fosse parar ás mãos a confissão de Waring, deixada por Deborah numa gaveta, desse segredo se serviu para submeter a sobrinha ás mais absurdas exigências. Resolvida porém, a pagar qualquer preço pela salvação do homem cuja felicidade era essencial á felicidade do seu coração, Deborah acabou por propor a compra da confissão de Waring, mediante a entrega da herdeira de quanto lhe deixara o marido.

Concluído o mercado, Waring partiu para Friensberg, e Deborah, certa de que não mais o tornaria a ver, sentiu que se lhe esphacelava o coração.

Dois dias depois, feitas as suas malas sem sequer dizer adeus á tia Anna, Deborah também partia. E a carruola que a conduzia, acompanhada pelo fiel Memke, durante o dia inteiro percorreu a monotona, picada ao longo do "veldt". Ao sol-pôr, já os dois estavam longe da fazenda, quando Memke disse:

— Vem alli um carro, nesta direcção: vem da cidade com certeza.

Deborah desviou os anniaes para a orla da estrada e esperou pelo outro vehiculo. Quando elle se approximou ficou pasma de ver que era Roberto Waring.

— Deborah! — exclamou elle alegremente, apressando-se.

— Então voltou? — perguntou a moça, descendo do carro.

— Vim por sua causa, — disse Roberto.

— Por minha causa? — repetiu com panno Deborah.

— Leia esta carta que hontem recebi de Londres.

Era a noticia da concessão do divorcio e de que a esposa de Waring desposara outro homem.

— Agora, somos ambos livres! — murmurou inconscientemente a pobre moça.

— Sente-se contente? — interrogou Waring com meiguice, pegando-lhe n'uma das mãos.

— Que quer dizer?...

— Quero dizer-te que te amo, Deborah, e que te quero para minha esposa.

Por um instante pareceu a Deborah que todo o mundo rodopiava em frente della. Vacillou um momento, como prestes a cahir, mas Roberto colheu-a nos braços e com os olhos, ansiosamente cravados nos della:

— Consentes, então?

E Deborah respondeu, alçando a cabeça e entregando-lhe os labios, sequinhos de carinho.

Em volta, n'um halo de ouro, o glorioso sol africano escondia a face por detraz das montanhas do occidente.

— Entornou-se como? Que foi que se passou?

— Parece que elle cahiu na tolice de apresentar a sua linda esposa a um official do seu regimento, e entre os dois originou-se uma sympathia que teve por epilogo a fuga da esposa de Gaunt com o joven official.

— Lafe, repugnam-me muito episodios desse genero, — disse Anne gravemente. — Não gosto nada que me contem casos escandalosos como esse. Em todo o caso, uma vez que o capitão Gaunt é o teu melhor amigo, não posso deixar de conceder-lhe a minha melhor sympathia.

— O escandalo quasi deu cabo delle, e Gaunt jurou que mataria o destruidor do seu lar no primeiro lugar em que o encontrasse. Escreve-me agora, dizendo que o seductor abandonou a sua victima e fugiu para Nova York. Gaunt seguiu-lhe no encalço e chegou aqui, far uma semana. Ha pouco falei-lhe pelo telephone, e pediu-me que fosse ter com elle ao Country Club. Far-lhe-ei a vontade, e se puder, dissuadi-o-ei do seu projecto: afinal, se elle matar o seductor infame, terá que subir á cadeira electrica, e será uma pena! Um homem tão bom como Gaunt!

— Pensas muito bem, — disse Anne. — Faze tudo que pudeses para evitar semelhante tragedia que só viria agravar a situação. E quem foi esse miseravel que assim arruinou a vida do capitão Gaunt?

— Chama-se Frank Devereaux, ao que parece, — respondeu Lafe.

Anne vacillou como se um terrivel bote lhe houvesse sido desfechado. Desappareceu-lhe o sangue nas faces, e por um instante, teve a impressão de que o sangue parara de lhe affluir ao coração.

O marido não lhe notou a extrema agitação, e Anne recendo trahir o seu segredo, esforçadamente se restituiu á primitiva calma.

— Frank Devereaux! — repetiu a medo.

— Já aqui elle deixara a reputação de um dissipado, um dos homens de peores principios que têm escapado á força nestes ultimos annos. Ora, comprehendes que eu não vou consentir que o meu camaráda e amigo de tantos annos se vá sacrificar por um patife destes!

A essas palavras, Lafe levantou-se, deu o beijo de despedida em sua esposa, e deixou-a a fitar o espaço atormente, com o espirito a debater-se entre mil emoções diversas. Aquelle nome recordava-lhe nitidamente a desgraça a que ella escapara, a ellada que lhe fora preparada por esse mesmo individuo que agora reaparecia no triste caso de Gaunt.

Alli se quedou immersa em seus pensamentos até que o relógio bateu nove pancadas, sabindo então da sua *réverie* para a clara comprehensão da sua actual situação.

Feriu-lhe o olhar um objecto branco que apparecia no chão, junto ao lugar onde Helen estivera sentada. Mecanicamente, Anne apanhou-o do chão.

Era a carta que a moça recebera ha pouco do seu namorado, e ao dar com os olhos na assignatura, Anne quasi soltou um grito:

— Frank Devereaux! — exclamou assombrada. — Será possível, Santo Deus, que elle tambem conseguise prender Helen na sua teia? Seria horrivel!

A's pressas leu a carta.

"Vem ao meu aposento ás nove da noite", dizia o escripto. "Vé bem que ninguém saiba. Estarei á tua espera com um jantar para dois".

O endereço estava no alto da folha de papel, e logo que o leu, Anne arrastada por um paroxysmo de colera e de medo, sahiu do aposento, levando no espirito a firme e inabalavel resolução de, por qualquer preço, subtrahir Helen ás perfidias daquelle demonio humano. Um jantar para dois! Como essas palavras lhe queimavam o cerebro! Era justamente o que elle outr'ora preparara tambem para ella!...

Um carro de força fel-a chegar á cidade muito primeiro que Helen, demorando em viagem por um accidente.

Devereaux, quando a viu entrar no aposento, tomou-a por Helen, e só viu que não era a donzella, quando Anne atirou para traz o véo que lhe cobria o rosto e o enfrentou fixamente:

— Anne! — fez elle, recuando espavorido.

— Sei de tudo quanto tens andado a planejar contra Helen Regan, minha enteada, — exclamou arfando penosamente — e estou aqui para impedir que té della faças a tua nova victima!

— Sua enteada! — murmurou o Lovelace, cada vez mais pasmo.

— Sim, sou hoje esposa de Lafe Regan...

— Ah, comprehendo agora!

— Bastantes males já tens causado no mundo, e não consentirei que accrescentes mais este!...

— Olha, Anne, queres um conselho? Não te mettas neste negocio. De contrario obrigar-me-ás a contar a teu marido aquella famosa batida em que a policia nos teve por sua presa, a mim e a ti. Sé discreta portanto, se tens a tua tranquillidade em alguma conta, e deixa-nos em paz, a mim e a Helen!

— Vejo que continuas a ser o mesmo ente desprezível que já eras quando me quizeste perder!

Desapparecera todo o grande amor que outr'ora tivera por aquelle homem a quem agora podia finalmente ver sob o seu verdadeiro aspecto. Quanto a Frank, estava tambem certo, agora, de que perdera todo o seu ascendente sobre aquella creatura, pois não se espraçou em mais palavras, depois de pronunciadas as suas ameaças.

Nesse momento, Ferguson, o criado de Frank, penetrou na sala:

— Está ali um senhor que lhe deseja falar sobre assumpto urgente.

— Queira passar áquelle aposento até eu despachar este visitante, — disse com um riso sardonico para Anne, e ella obedeceu pelo desejo de não ser vista ali.

— Mande entrar agora essa pessoa, Ferguson — ordenou ao criado.

Um momento depois, Lafe Regan, numa colera de looco, deu entrada no gabinete.

— O meu nome é Lafe Regan, — annunciou abruptamente. — Sou amigo do capitão Gaunt.

Devereaux experimentou um terrivel abalo, mas conservou-se calmo.

— Que deseja de mim? — perguntou.

— Gaunt estava resolvido a dar-lhe cabo da pelle, mas consegui dissuadi-lo desse proposito, pois um patife da sua ordem não vale a vida de um homem de bem...

— Muito agradecido, — respondeu Devereaux. — O senhor é muito amavel...

— Ora, em vez de Gaunt lhe dar um tiro, proseguir Regan, já a despir o caiaço — quem lhe vai dar uma boa surra, sou eu. E depois disso feito, ou o senhor sae desta cidade para sempre, ou eu o metto na cadeia!

— Mette-me na cadeia? Não, não creio que metta!... — disse Devereaux com esgarço. Tenho aqui um revólver e saberei fazer uso delle á minima violencia da sua parte.

Friamente, descansou o revólver sobre a mesa.

— Isso veremos, — disse Regan em voz resoluta.

— Espere um pouco, — replicou Devereaux. Não gosto desses seus modos agressivos e vou-lhe dizer uma coisa que talvez o faça mudar de attitudé. Sua mulher em solteira chamou-se Anne Hunnwell, não é verdade?

— Verdade pura, — confirmou Regan, com surpresa.

— Pois bem, há coisa de cinco annos, ella e eu fomos presos juntos numa batida effectuada pela policia no Café Mazarin. A prova, tenho-a commigo, e se o senhor me aggreddir, farei publicar essa photographia, cuja suppressão paguei com o meu dinheiro, e em que eu e ella apparecemos distinctamente.

Regan sentiu-se atordoado com a inesperada revelação, e a mulher recolhida ao quarto contiguo quasi desmaiou ao ver Devereaux puxar da maldita photographia.

— E' mentira tua, miseravel! — trovejou Regan.

De um salto pulou sobre o revólver que se achava em cima da mesa e fez fogo contra Devereaux, precisamente no momento em que Anne penetrava na sala.

Devereaux encolheu-se todo, com as mãos a comprimir o estomago, e tombou ao chão, desamparado.

Regan metteu o revólver na mão do morto, envergou o paletot e o chapéu, e atravessou a sala em direcção á porta. Apanhou de passagem um placard de que Devereaux costumava servir-se quando sahia, com as palavras "Não quero ser incommodado", suspendeu-o á porta, e sahio. Fechou depois a porta pelo lado de fóra, metteu a chave no bolso, e partiu precipitadamente.

Anne encontrou-se a sós com o morto. Tinha sido uma testemunha muda de tudo o que occorrera. A morte de Devereaux alliviava-lhe o espirito no que dizia respeito a Helen, mas bem sabia que a culpa de seu marido tinha que vir a ser descoberta, a menos que ella usasse de um desesperado expediente para o salvar.

Com essa idéa, quando reconheceu que de modo nenhum podia sair da sala, Anne chamou a policia ao telephone e declarou:

— Fui attrahida a este aposento por Frank Devereaux que me fechou aqui e quiz abusar de mim. Para me salvar, fiz fogo sobre elle e matei-o. Queiram mandar gente, para que eu possa sair daqui.

Dentro de um quarto de hora a policia appareceu e foi encontrá-la á espera, na maior calma. Encontraram porém na mão do morto a photographia do Mazarin e prenderam Anne para averiguações.

Quando porém, o caso foi parar ás mãos de Whiting, o procurador districtal, com surpresa verificaram todos que elle não estava levando em conta as accusações que Anne fazia recahir sobre si mesma. Mais tarde, Whiting mandou chamar Lafe Regan.

Anne estava no gabinete quando chegou seu marido, pallido e abatido, e logo a apertou nos seus braços.

— A senhora diz que matou Devereaux em defesa propria, — disse Whiting a Anne.

— Decerto que sim, — confirmou Anne com vehemencia.

O procurador do districto tinha estado a examinar a photographia que a policia arrancara da mão de Devereaux.

— Este homem não fóra em tempos seu amigo? — perguntou finalmente.

— Eu trabalhava ha cinco annos como empregada em casa de seu pae, e nessa occasião fui victima de uma cilada que elle me preparou, no intuito de me perder.

— Levo-a então ao Café Mazarin, na

noite em que a policia varejou aquelle antro, e foi então que um reporter tirou esta photographia que Devereaux comprou e obteve não fosse publicada, para que não transpirasse a sua culpa?

— De nada vale negar, — disse Anne. — O meu retrato apparece claramente na photographia. Mas como se explica que o senhor esteja tão a par dos menores particularés daquelle incidente?

— Fui eu o lado, naquella noite, que serviu a senhora, e Devereaux.

— Mas o senhor tem barba!

— E' que naquella occasião estava disfarçado, — respondeu o magistrado. — Tinha ido ao Mazarin para obter as provas, mediante as quaes foi ordenada a batida. Nessa mesma noite, perfeitamente comprehendendo que a senhora estava sendo victima innocente de um homem sem escrúpulos, e tive pena de si. Foi por isso que procurei fazel-a sair do estabelecimento antes que a policia a pudesse prender. Infelizmente, não o consegui.

— Nunca me esqueci da sua bondade, senhor, — disse Anne.

— Tão pouco posso hoje acreditar que uma mulher boa e pura como a senhora se transformasse numa perversa assassina, — declarou Whiting.

Fitou-a inflagadoramente e ella cobriu-se de um rubor que era uma denuncia.

— Ha de desculpar-me, mas a despeito dos precedentes tornarem plausivel a versão que a senhora tem apresentado á justiça, não posso acreditar nas accusações que tem procurado lançar sobre si mesma. Frank Devereaux foi morto, sim, mas foi morto por um homem e não por uma mulher!

— Deixe-me falar! — atalhou Regan.

— Nem uma palavra sua, Lafe! — disse o procurador do districto com voz affectuosa. — O senhor é de ha muitos annos meu amigo e não consentirei que se crimine para defender sua esposa. Lembrese de que tudo quanto agora disser será invocado para o condemnar quando o caso fór submettido a julgamento. Sei de tudo o que Devereaux fez ao capitão Gaunt, e sei tambem como o senhor assumiu a defesa do seu amigo e foi castigar o destruidor da sua felicidade.

— Mas então sabe tambem que minha mulher está innocente?

— Innocente como um anjo de Deus, — disse Whiting.

— Louvado seja o Senhor!

— As provas, e particularmente o revólver encontrado na mão do morto, parecem indicar que Frank Devereaux, num momento de desespero ou de desanimo, commetteu o crime, e não temos meio para estabelecer orientação qualquer contraria, salvo o caso de haver algum individuo tão louco que appareça a proclamar-se o autor do crime. Quanto a sua esposa, a sua presença no local do accidente constitue apenas uma circumstancia lamentavel que facilmente pôde ser explicada, e uma vez que o crime não a alcança em nenhum ponto, poderá retirar-se para casa em sua companhia, logo que assim o queira.

Regan deixou transparecer uma expressão de allivio e apertou a mão de Whiting. Com um braço passado pelos hombros de Anne, encaminhou-a para fóra da sala do procurador e conduziu-a á casa.

Inteiramente contricta, Helen aguardava que elles voltassem.

— Foi tudo culpa minha, disse a menina soluçando.

Anne tomou-a nos braços e beijou-a affectuosamente.

— Não chores, querida. Quando Frank Devereaux te ganhou o amor e a confiança, tu não sabias que bandido perverso

elle era. Mas sabia-o eu! E quando li aquella carta que tu deixaste cahir, considerei de meu dever correr a casa delle e salvar-te!

— Foi então isso? — exclamou Lafe, pasmo de surpresa.

— Ali cheguei antes de Helen, e tu encontraste momentos depois. Eu estava escondida no aposento contiguo, Lafe.

— Ah, se eu tivesse sabido! — trovejou Lafe. — Se eu pudesse suspeitar de que elle havia procurado attrahir ao seu antro a minha filha adorada, com certeza teria feito peor!

— Nunca mais, nunca mais me deixarei prender a nenhum homem, de hoje em diante, sem que papae e a senhora saibam!

— disse Helen num accesso de remorso.

Lafe Regan puxou-a para si e beijou-a com meiguice. Depois, voltou-se para sua esposa e disse-lhe com emoção:

— E' tão grande a nobreza de teu caracter que não te sei expressar adequadamente o meu apreço por tudo quanto por mim e pelos meus tens feito. Mas se uma vida inteira de dedicação basta para te fazer comprehender os meus sentimentos, juro-te que te darei quanto houver de melhor em mim!

Anne sorriu, feliz, e aninhou-se-lhe nos braços.

— Alição Deus por te haver dado a mim, Lafe, — disse Anne. — E' entretanto bem extranho que tua filha cahisse justamente num mesmo erro em que eu caí, na innocencia da minha meninice. Felizmente, nenhum mal nos aconteceu, nem a mim, nem a ella! Bem vêes, que temos muito por que agradecer a Deus!

Lafe nada respondeu, mas apertou ao seu coração os dois entes queridos. E ali ficaram os tres, commungando do mesmo affecto, da mesma alegria até que as sombras da noite penetraram no aposento.

MEDO OCCULTO (FIM)

aquillo! Aquella recordação, tão só, arrepiante, fria, pavorosa!

Evocou o passado, buscando apurar o que porventura houvesse feito para desencadear sobre si mesma uma coisa horrivel como esta, buscando descobrir uma coisa de que pudesse derivar, como resultado, esta angustia, esta poluição dos seus esplendidos dias de outrora. Tanto quanto podia julgar, entretanto, fóra uma filha tão dedicada á senhora Marshall Arnoll como se essa doce senhora fosse realmente sua mãe, em vez de sua madrastra, apenas. Brincara, fultara, rira com levandade de espirito igual á de todas as raparigas; mas, quando Bentley, antes de partir com o Exercito de Occupação, lhe declarara o seu amor, pudera retribuir-lhe offerecendo-lhe o coração, em toda a sua pureza...

Depois vinha o ponto mais cruel de todos, — Arthur Comstock. Arthur fóra um dos muitos que lhe tinham feito a corte. Sómente, sabia-o agora, o amor delle tinha desde o inicio uma qualidade com que ella não estava familiarizada, uma tempera que instinctivamente refugava.

Conhecia-lhe a ambição de poder. Vira-o desde o primeiro dia falador, ruidoso, barulhento, aggressivo...

Depois, veio o dia do "rally-paper" no Country Club. Durante toda essa manhã Comstock fóra mais importuno do que nunca. Tornara-se insistente. Interrompera brutalmente, sem a maior deferencia, os seus pensamentos voltados para Bentley, á saudade do seu regresso. Sentira um rancor contra elle e ao mesmo tempo tinha que o reconhecer para ser sincera — sentira a horrivel attracção da repulsa,

Aquelles olhos reluzentes, que varavam os seus, queimando-lh'os; o seu halito sobre o seu rosto; a mão delle a procurar a sua com uma ferocidade que a maguava, mas que a fazia fraca, — tudo agora, nitidamente, lhe acudia. Odiava-o, e entretanto, no mais intimo de si mesma, sentia que havia uma parte de si propria, uma parte indigna, fraca, primeira, que respondia ao audacioso brutal que elle era.

Fôra um dia de coincidencias, acabando por...

Arrepiara-se a moça ao recordar o clima desse dia, cujo anti-clima eram horas como as que ella agora atravessava, em que fugia da sua propria recordação, tentava afogar-a nas doçuras dos dias de agora.

Houvera aquelle momento da sua queda do cavallo que montava e do entorse consequente, e logo depois a solicitude de Comstock, adrede expurgada de sua sensualidade; a trovoadas que os surpreendera, e a entrada dos dois para se abrigarem, na pequena barraca de caça, á beira da estrada, no caminho de casa. Depois, o brutal assalto de Comstock. E Sylvia esfregava a bocca, como tantas vezes fizera desde o facto, á idéa do abraço feroz em que elle a cingira, do modo selvagem como elle comprimira os seus lábios sob os della dos momentos terríveis do hediondo contacto, ao mesmo tempo que no seu cerebro se atropellavam visões do rosto joven, do rosto ardente de Bentley, o rosto de Bentley indignado, enojado, como se tudo já soubesse! Recordava-se da pasmosa força que jámais suspeitara possuir, e que lhe permitteria repellir-o. Ouvia de novo o rumor que fazia na pequenina sala a respiração delle, como se o coração lhe martellasse cada hausto, com se cada hausto que lhe sahia pela bocca fosse um bote que lhe espantasse a carne. E depois, o castiçal de cobre percebido ali perto, aferrado um momento depois, assestado com tanto vigor como se fosse o braço de Bentley e não o seu, que em vingança o desfechasse. Em seguida o silencio que se fizera, um silencio quasi audível, e que Comstock agora não turbava, calado, amarianhado a seus pés. Amarianhado, sim. Jámais lhe passara pela cabeça que pudesse ser tão fragil um homem daquelle corpo e daquelle estatura. Como, entretanto, parecia insignificante agora, depois de morto!

O castiçal ficara tinto de sangue. Lembrara-se de como naquella hora tetrica, povoada de relampagos e pavores, as manchas rubras lhe haviam apparecido tragicamente, de como o sangue se conservava pingando de uma das temporas de Comstock. Viera-lhe, nessa hora, a reminiscencia irreverente de um dia, quando ambos eram pequenos, em que Bentley cahira e se cortara, e sua mãe exclamara alarmada: — "Oxalá não seja perto da fonte!" Pois bem: o bote que ella assestara em Comstock, com o castiçal, fôra precisamente junto á fonte. Era da fonte, justamente, que partia aquelle continuo gotejar de sangue. Depois, louca de medo, fugira da barraca, vagara uma e outra vez, em circulo — como reflectira depois — pela floresta. Percorrido o ultimo desses circulos, viera de novo parar á barraca, encontrara-a ardendo, e por uma fresta da porta percebera outra vez no chão a figura immovel de Comstock, em torno á qual ballavam as chamas...

E parecia-lhe que então resvalara de subito qualquer coisa no seu cerebro, e este pela primeira vez se desamuyara, precipitando-a numia reveladora angustia. O que ella era se lhe patenteava então com uma clareza illudível; era uma as-

sassina! Ella, a pequenina Sylvia Langdon, uma menina amparada contra as eventualidades da vida, cuja existencia jámais fôra cortada pelo minimo drama, fizera-se assassina! Que diriam o Sr. e a Sra. Marshall Arnold? Que diria Bentley, quando soubesse!

Consequira descobrir por fim o caminho para casa e ali encontrara Bentley, que chegara mais cedo do que fôra calculado, e estava á sua espera. Inconscientemente, sem que isso decorresse de qualquer ponto que tivesse feito, mal o viu, corraera aos seus braços, corraera a aninhar-se-lhe no peito, e sentira então que nunca lhe poderia contar, a elle, nem a ninguém, o que occorrera; que contal-o seria ampliar ainda mais o tremendo agravo, o mal tremendo. Se lhes dissesse, que resultaria dahi? Acaso podiam elles fazer Comstock tornar á vida? Podiam elles fazer que não houvessem existido aquelles dolorosos momentos da barraca de caça? Não, nem elles, nem Deus, elle proprio, poderiam cancellar aquella hora horrenda! O que resultaria, sim, seria a destruição daquellas vidas, o emmurchecimento das esperanças queridas, formuladas ha tanto por todos; a devastação da felicidade por que anciava Bentley, desde que, antes da guerra, o amor os approximara um do outro. E Sylvia claramente percebeu que só havia uma coisa de util a fazer para occultar o que occorrera: era guardar o seu horror para si mesma, viver a sós com elle, suppral-o com uma tão philosophica coragem quanto lhe fosse possível mostrar, escondel-o sob uma bondade affectuosa, e ter a coragem de viver com elle mais tarde, sem tibieza, nem medo. Isso é que ella tinha que fazer, para bem seu e de todos.

Nesses rapidos momentos, tão só, Sylvia pagou o preço daquillo que pretendia tentar. E veio então a saber quanto é duro supportar sózinha uma tragedia, seja por nosso querer ou não. Falar, fazer do amor um confissionario, de uma tutela uma penitencia, era coisa simples. Simples, em comparação de viver, com o coração feito mausoléu de um espectro tão terrível que nem nome se lhe podia dar. Sim, simples, bem simples seria despejar toda a verdade no seio amigo da Sra. Marshall, e mitigar a sua desgraça, chorando-a nos affectuosos braços de Bentley. Um e outro a conheciam bem. Esses saberiam calcular quanto ella se devia ter sentido indignada ao ver-se arrastada á infame cilada; esses saberiam reconhecer que fôra o seu proprio ensinamento — o preceito de defender as cousas preciosas da vida e do amor — que a levava a defender-se com tal energia e por tal preço. Esses, sim, saberiam comprehender o seu acto, e chorariam com ella. Mas nunca mais a poderiam ver como Sylvia, a Sylvia que elles amavam e queriam. Nunca mais a veriam senão no scenario daquelle hora desgraçada e tremenda. Velhiam sempre a brandir o candelabro de cobre, manchado de sangue, e sentir-lhe-lam, sempre, na bocca, aquelle beijo selvagem! Era porventura essa a felicidade que lhes devia dar, em troca de tantas que elles lhe haviam dado?

Assim, deixou-os simplesmente pensar que estava nervosa por causa do proximo casamento, quando a verdade é que a immensidade desse facto só fazia jorrar do seu coração uma nascente de alegria!

E quando finalmente veio o dia das bodas, foi a Sylvia de outr'ora que os Arnold viram ir ao altar, pelo braço do filho. De novo ella conseguira preudir aos lábios o sorriso de outros tempos, e como reflectisse na firmeza, na solidéz do amor que a unia e Bentley, nem mesmo ponde a

lembrança terrível afogar o jubilo triumphal que lhe enchia o coração.

Foi só quando voltaram a casa, após o lua de mel, que Sylvia de novo soffreu o assalto do medo invisível. Foi quando os Marshall Arnold, á hora do jantar, se referiram á subita morte de Bradley Comstock.

— Era tio de Arthur, — sabias? — perguntou a Sra. Arnold a Sylvia, e a rir para Bentley, acrescentou:

— Arthur esteve meio cahidinho por Sylvia, quando tu estiveste no ultramar, Bentley. Chegámos mesmo a crer que iam ver empallidecer a tua estrella...

Sylvia empallideceu desnecessariamente, ante a facecia da Sra. Arnold. E sem querer, disse:

— Por favor! não falemos nisso!

A Sra. Arnold affagou-lhe a mão com solicitude:

— Estava apenas mexendo contigo, meu amor, disse. — Bem sabiamos que tu amavas Arthur. E afinal, não te coube por marido nenhum tigre de ciúmes, não é verdade?

Bentley percebeu a perturbação de Sylvia. Franzin a testa com simulada severidade, afim de que não se tornasse tão patente a mudança que se operara na esposa:

— Estão enganados. Ao contrario, sou um verdadeiro Othello, e quando alguém me fala de um dos antigos admiradores de Sylvia, nunca deixo de a moer de pancadas, depois que nos retiramos.

Sylvia deixou vir um leve sorriso, e o Sr. Arnold disse do outro extremo da mesa:

— Disseram-me que ficaram mal parados os interesses pecuniarios de Bradley Comstock. Parece que Bradley fez ha alguns mezes um novo testamento, do qual excluiu por completo Arthur. O rapaz, ao que parece, tinha feito falar de si em demasia. A informação deixou em grande atrapalhão Arthur, que tudo soube por intermedio de Randall, o advogado. É bem natural: Arthur vivia tão só de dinheiro e da expectativa delle, na mais literal acceção da palavra. Com o dinheiro, elle era alguém. Sem dinheiro, sem o prestigio da perspectiva de o ter, era positivamente ninguém. A gente daquelle raça, e com certeza elle sabia a raça de que vinha...

(Seria possível que nunca mais parassem de falar dos Comstock?)

Seria possível que aquelle candelabro de cobre não mais desaparecesse, aos seus olhos, da parede fronteiral?)

Bentley disse ao acaso:

— Até admira que esse individuo não apparecesse agora a querer confiscar o testamento do outro, ou a querer dal-o por maluco.

— Bentley! — fez a Sra. Arnold, um tanto chocada. — Bem sabes que aqui recebemos repetidamente Arthur, e que sempre encontramos nelle um companheiro intelligente e jovial...

Pela primeira vez, por um momento terrível, Sylvia sentiu odio á Sra. Arnold. Ah, pudesse sua enadrasta adivinhar a dor que lhe causava, e quanto não pagaria para fazel-a cessar!

Depois, a conversação tomou novo rumo, e, a pouco e pouco, voltaram as rosas ao rosto de Sylvia que conservava os olhos fixos em Bentley a maior parte do tempo.

O incidente que viu depois foi um pouco mais que um incidente, e de um relevo graphico extraordinario.

Era a festa do seu anniversario. Pela primeira vez, desde ha muitas semanas, enfraquecera, fizera-se mais remota a sombra ameaça do candelabro ensanguentado, e toda a sinistra lembrança de que

elle era um dos motivos. Sylvia chegava a affagar a esperança de que a ferida que lhe modificava o cerebro talvez viesse a sarar com o tempo e o amor de Bentley, em que ella via um agasalho que podia aconchegar em volta de si, suave e doce, um manto de conforto e segurança para o frio e para o calor.

E de repente, annunciado *ex-abrupto*, Arthur Comstock surgiu em meio daquelle alegria. Sylvia, no lugar onde estava, sentiu-se cambaleiar sobre as pernas. O seu coração teve uma palpitacao tremenda, e pareceu paralyzar-se de chofre, após jorrar-lhe nas veias um jacto gelado, em vez de sangue. Com os olhos a rolar-lhe nas orbitas, pensava ella, como os olhos de vidro de uma boneca de mecanica barata, voltou-se para verificar se a Sra. Arnold e os outros estavam vendo o mesmo que ella via. E se só ella o visse? E se elle houvesse voltado?

Não, Comstock estava morto. Quem melhor o podia saber do que a mulher que o matara, do que a mulher que o vira esvaír-se em sangue, depois do bote poderoso e irresistivel, do que a mulher, que na mesma hora, vira os seus despojos a serem pasto do fogo?

Os outros viam-n'o, sim, mas viam-n'o porque, uma terrivel e ameaçadora projecção do Reino da Treva como elle era, não podia passar despercebido. Era visivel a todos e tão tangivel que todos lha apertavam a mão; mas isso não provava, nem podia provar, que elle fosse real. Não, real não podia ser!

Afurdada por demais para resistir mais tempo e doente em demasia para se arriscar ao lugubre encontro, Sylvia recolheu-se ao seu quarto.

Com um gesto quasi automatico, com mão rigida como Comstock, naquella noite, dera volta ao comutador.

E não deixou errar o pensamento. Sentada á borda da cama, fitou os olhos na parede e poz-se a seguir uma e outra vez, muitas vezes, o desenho do papel da parede. Impassivel, deixou que se escoasse o tempo; e em pouco, com a náusea do desespero, viu os desenhos da parede resolverem-se numa multidão infinita de castiças, todos manchados de sangue, que haviam substituído as rosas do papel, as rosas que ella sabia estarem desenhadas ali, e que todos viam por certo, menos ella, para quem os flôres de rosas se haviam convertido numa sarabanda de candelabros sinistro. Lá em baixo, por certo se passaria outro tanto. Jurariam todos que Arthur Comstock estava vivo, e desmentil-a-iam, se ella o negasse. Mas só ella, Sylvia, sabia que elle estava morto, morto e vivo, porque os mortos voltam sempre. E só ella o sabia, fóra de qualquer contestação possivel, porque ella o matara, porque elle morera nas suas mãos!

Emquanto, sentada ali naquella logar apertado, ella vivia, soffria estas cousas, Bentley entrou, no receio de que ella estivesse doente. Doente parecia com effeito, disse-lhe attribuladamente. Ella respondeu-lhe porém que não, e a sua voz resouo como a vez de uma morta. Era bem natural, uma vez que o morto estava com ella!

Bentley pediu-lhe que voltasse para junto dos seus convidados, que fizesse um esforço, que não ficasse ali só. A copeira retirara-se com uma enxaqueca, de maneira que elle não podia afastar-se de ao pé dos convidados para fazer-lhe companhia:

— Faze o sacrificio de desceres por algum tempo, sim?

Sylvia tão pouco se sentia disposta a ficar só! O que lhe podia acontecer, mal podia imaginar. Tudo, por certo, Arthur Comstock, se porventura tinha voltado, não lhe perdoara. Por força não tinha

voltado para lhe declarar o seu perdão, mas então, para que voltara? Necessariamente não viera para a torturar, por isso já fizera sem mesmo precisar apparecer. Não: voltara com certeza para alguma cousa peor.

Bentley sahio do quarto com ella. Parecia preocupado. Havia qualquer cousa de estranho nos ultimos tempos. Quem sabe se sua mãe tinha razão, principiou a pensar. Faria que Sylvia consultasse um especialista. Não se comprehendia que uma rapariga querida como aquella sem plausivel motivo, vivesse a vaguear por aqui e ali, com os olhos dilatados de pavor, como se um espectro a perseguisse! E' que alguma cousa havia. Mas que poderia haver numa vida tão resguardada e segura como a de Sylvia? Bentley resolveu que no dia seguinte apuraria.

Quando Sylvia, nessa noite, se recolheu, encontrou sobre a sua commoda o castiçal de cobre, a arma do crime, com as mesmas nodosas de sangue que nelle havia ficado desde então. E Bentley, quando subiu, encontrou-a estendida no chão, aos pés da commoda.

Na manhã seguinte, Arthur não deu signal de que pretendesse despedir-se. O Sr. e a Sra. Arnold mostravam-se cordiaes, e outro tanto se podia dizer de Bentley. Quanto a excessiva pallidez de Sylvia, não se podia attribuir-a á presença de Comstock, jámais quando ella assim andava ha tantas semanas, e Arthur na apparencia tinha completamente esquecido o seu affecto antigo, e se mostrava, para com Sylvia, amavel e nada mais.

Isso era porque elle estava morto, e aguardava a sua hora, pensava Sylvia que bem sabia como os mortos são pacientes.

Arthur tinha completado uma semana de estadia em casa dos Arnold, na noite em que entrou no quarto de Sylvia.

E no momento em que elle entrou, maciamente, caladamente, como entram os mortos, Sylvia sentiu que lhe escapava o vestigio de dominio que ainda exercia sobre o seu estado mental, e que agora só lhe restava mostrar-se malleavel e docil a todas as vontades do seu terrivel algoz.

Assim, quando elle lhe ordenou que abrisse o cofre engravado na parede do aposento de Bentley e que continha quasi todas as joias da familia, fel-o sem a menor objecção. Mais do que isso: entregou-lhas por suas mãos, e ficou immovel, sem proferir palavras, a vel-o recolher-as ao bolso, umas após outras. E foi só quando ella ouviu um confuso altercar de vozes alteradas e um tiro repercutiu com um rumor surdo, que se rasgou o véo que lhe toldava o cerebro, e ella se poz a gritar alto, num frenesi insensato.

Só depois de ouvir as pragas de Arthur é que, pela primeira vez em todas aquellas semanas de desolação, lhe acenava a esperança de que, a despeito de todas as provas em contrario, aquelle homem não estivesse realmente morto. Os mortos, por peores, não praguejariam assim, após a grande jornada que devia ter-lhe beneficiado os espiritos.

Ao acudir a familia, que não arredara pé das proximidades do quarto de Bentley, desde que na vespera fóra verificada uma tentativa de origem ignorada para abertura de outro cofre, Nagi, em quem Sylvia reconheceu o copeiro japonex que servia Randall, começou a fazer ouvir o que a principio parecera á esposa de Bentley um simples chaos de sons incoherentes, mas que afinal era a clara informação de que Arthur Comstock matara John Randall, ácerca de quem os jornaes ha muito vinham dando vagas noticias, concluindo pelo tragico lance de uma queda por um despenhadeiro em que o seu carro se fizera

matadouro e o advogado perdera a vida. Nagi informou porém aos *detectives* que o testamento de Bradley fóra roubado do cofre de Randall, e que o autor do crime não fóra senão Arthur, a quem elle, Nagi, vira perpetrar o roubo. Na noite do accidente que Sylvia soffrera, Randall tinha resolvido ir em busca de Arthur e arrancar-lhe a verdade. Em caminho para casa dos Arnold, percebera luz na barraca de caça, e resolvera proceder a investigações. Nagi ficara de fóra, aguardando a volta de seu amo. Dahi a pouco ouvira um rumor de luta e assomara á porta a tempo de ver Arthur matar Randall e collocar-lhe o corpo na mesma posição em que estivera o delle, poucos momentos antes. Depois de subornar Nagi, Arthur tinha então, ao que parece, lançado o carro de Randall na torrente tumultuosa que corria ao sopé do despenhadeiro, deitara fogo á barraca de caça e seguira para casa.

Terminadas estas revelações, Nagi cahiu ao chão deitado, e para ali ficou, como uma figura tragica, subitamente alliviada de uma carga absurdamente desproporcionada para o seu vulto.

Não era difficil ajustar os demais pormenores do caso, a saber: um homem desatinado, cego por dinheiro, sem escrúpulos quanto ao modo de o conseguir, cruel, sinistro... Roubara o testamento do tio e matara o homem que tinha conhecimento do seu acto. Só outro homem de tal sabia, o diminuto japonex, e esse, Arthur calculara que o poderia corromper e manejar-o depois em beneficio dos seus fins. Contara tambem com Sylvia como um instrumento de que poderia lançar mão no futuro. Sensitiva como era, apavorada com o que considerava haver sido o epilogo da scena passada na barraca de caça, quando elle apparecesse ella se tomaria de horror e faria quanto lhe fosse ordenado. E tudo succedeu como pensara. Mas Comstock não cogitara desse extranho factor inherente a todos os seres e que em si abrange hysteresismo e consciencia, coragem e temor de Deus. Haviam-se accumulado todos esses elementos, e Sylvia gritara, e Nagi confessara... A lei, porém, só tinha que ver com Arthur Comstock.

Quasi noite, ao crepusculo seguinte, Sylvia e Bentley ao ar livre, banhavam-se dos ultimos clarões dourados do sol, daquelle sol que ainda hontem — seria mesmo hontem? — apparecera á mortificada Sylvia como um pedaço de cobre.

Agora estava tudo acabado, e sensitiva como era, não a impressionava o provavel castigo que ia receber Arthur, um ente perverso demais para que o deixassem á solta, e continuava a espalhar angustias e dores em volta de si. Demais, já havia contado tudo a Bentley, — o *rallye-paper*, o accidente, a tragedia na barraca de caça, o que tudo elle attribuiria, conforme ella previra, á sua nobreza de animo, ao seu instincto de se proteger em beneficio delle.

— E quasi vale a pena ter soffrido tanto para ser tão feliz como me sinto agora! — disse ella.

— Mas, mesmo com essa recordação, querida, não podes ser tão feliz como eu, porque eu te tenho a ti!

Sylvia considerou-o gravemente, e com os olhos repassados de enlevo, respondeu com firmeza e meiguice:

— A tua felicidade é que não pode ser comparavel á minha, porque eu te tenho a ti, Bentley adorado!

— Pois então, proclamemos um armistício e...

E nessa altura o Sr. e a Sra. Marshall Arnold que se haviam encaminhado para junto delles, no jardim, acharam prudente retroceder sobre os seus passos e effectuar uma retirada... desairosa para elles.



Não é tão difficil, como parece, trazer permanente no rosto feminino a expressão da belleza e a sensação da juventude.

Com o uso frequente de um elemento de torcador na altura do

PÓ DE ARROZ MENDEL

que mantem a cutis constantemente fresca e delicada, na plenitude de seus encantos

physicos, pode-se conseguir esse fim, porque a suavidade e a louçania da tez constituem o maior encanto feminino.

IMPORTANTE : O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualida-da adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de crê-mes ou pomadas. Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chair" (carne) para as louras, "Rachel" (crème) para as morenas.

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS. AGENCIA DO PÓ DE ARROZ MENDEL

RUA 7 DE SETEMBRO N. 107, 1º ANDAR — TEL. C. 2.741

RIO DE JANEIRO

Deposito em São Paulo:

RUA BARÃO DE ITAPETININGA N. 50

MENDEL & C.



O AZEITE SOL LEVANTE

PARA
COZINHA E
MESA
E' O MELHOR
— DO —
MERCADO

A' venda em toda parte

Ha maneiras as mais variadas de patriotismo; entre ellas uma se nos afigura muito digna: adquirir os numeros espe-ciaes da *Illustração Brasileira*, commemorativa do Centenario da Independencia, a sahirem em Setembro, Outubro, Novem-bro e Dezembro, com 264 paginas de notavel texto, lindas grá-vuras e perfectas trichromias, de caracter eminentemente na-cional.



DR. REYNALDO COSTA

Uruguayana, 27 de Janeiro de 1913.

Attesto que tenho empregado na minha clinica com excellentes resultados o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, do Sr. Phar-maceutico João da Silva Silveira, em to-dos os casos de affecções dystrophicas do organismo.

Dr. Reynaldo Costa.

Rio Grande do Sul—Uruguayana.

Vende-se em todas as Drogarias, Pharmacias, casas de campanha e sertões do Brasil. Nas Repu-blicas Argentina, Uruguay, Bolivia, Peru, Chile, etc.

REMETE-SE GRATIS!

SCIENCIA DOS EFLUVIOS OPICOS
COMO OBTER MAIORES RECURSOS?

FACILITA-SE A TODOS UM CAPITAL



Qualquer pessoa que puser seu nome e endereço neste anúncio e enviar o ao Instituto Elétrico e Magnético Federal, rua da Assembleia n. 45, Capital Federal, receberá, além de outras vantagens, uma demonstração dos meios práticos para ter sorte em tudo; enriquecer por meio do negócio, ou do jogo, ou da loteria; cobrar dívidas ou vender mercadorias facilmente; imunizar-se contra perigos, doenças, influências de inveja, fadiga ou mente; ganhar demandas; ficar curado depressa; casar com acerto ou alcançar o amor desejado; ter harmonia na família ou na sociedade comercial; possuir poder magnético; ver através dos corpos opacos; adivinhar o futuro; descobrir minas de ouro ou diamantes; ver através dos corpos opacos. Nada há que perder e tudo que ganhar, tal como está

demonstrada nas cartas das pessoas mais notáveis do mundo inteiro e cujo theor exhibiremos. Na mesma carta, está a venda por dez mil réis, o importante livro de 400 páginas do DR. J. LAWRENCE—"Hypnotismo Afortunante". Fazer o pedido já.

Nome
Rua e número
Logar e Estado

Loterias da Capital Federal

A REALISAREM-SE EM AGOSTO
Chamamos a atenção dos nossos Agentes
para as Loterias de novos planos.

Em 12 de Agosto . . . 100:000\$ por 22\$000
Em 16 de Agosto . . . 50:000\$ por 20\$000
Em 19 de Agosto . . . 100:000\$ por 20\$000

No preço dos bilhetes já está incluído o selo. Agentes gerais na Capital Federal:
Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 95 —
Caixa do Correio n. 817 — Endereço teleg.
Lusvel. — Rio de Janeiro.

Brevemente será
posto à venda o
primeiro fascículo
do empolgante e
sensacional ro-
mance de avenu-
ras

OS PARTIDARIOS
do notavel roman-
cista inglez May-
ne-Reid, que con-
ta mais de 200
edições.
BREVEAMENTE

PIANOS
Steinberg
UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRAZIL
KOTTLECHNER & SCHMIDT
RUA DOS OURIVES, 139
RIO

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda

XAROPE
DROSEIRA
FONTOURA
CURA
TOSSE

A venda em todas as farmácias e drogarias. Depositários:
PLINIO CAVALCANTI & C. — Rua Senador Dantas, 45 — Rio
de Janeiro.

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN
Desapparecem os perigos dos
partos difíceis e laboriosos

A parturiente que fizer uso
do alludido medicamento,
durante o ultimo mez
da gravidez, terá um parto
rápido e feliz.



Innumeros attestados pro-
vam exuberantemente
a sua efficacia e muitos
medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas
as farmácias e droga-
rias

Deposito Geral: ARAUJO FREITAS & C
Rio de Janeiro

Comprar um bilhete da Cruz Vermelha é, além de uma habilitação à sorte, um auxílio à Grande Cruzada.

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis eficazmente, sem o perigo das injeções. É depurativo energético e tônico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, tais como: manchas, fistulas, placas, eczemas e reumatismo, desaparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saúde e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tônico agradável de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Geraes: GALVAO & C.
AVENIDA S. JOÃO 145
S. PAULO.



Pó de Arroz

GLOSSY

ACHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande: 2\$500 — Pelo Correio: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo Correio: 1\$500

Caixa Postal: 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sellos

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — RIO

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo therapeutico e que irritam a pelle com a gordura rançosa que contêm.



sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as roupas, de uso facil, commodo e rapido, não obstruindo os poros da pelle e não impedindo a sua perfeita respiração, que é o unico meio de se conservar perfeita e evitar as rugas da velhice.

A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro adoptado na Europa, Norte-America, Argentina, Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura eficazmente as molestias da pelle: feridas, darrhos, eczemas, suor dos pés e dos sovacos, queda dos cabellos, etc. O seu uso constante conserva a pelle fresca e evita as rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso, evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias.

Preço: 3\$000

Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 88 e R. Pedro, 99 — Rio de Janeiro.

